

O MATADOR DE JUAN DELFUEGO

L P Baçan



Novelas de Faroeste

L P Baçan

Copyright © 2017 L P Baçan

Todos os direitos reservados. Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido ou usado de qualquer outra forma nem divulgado sem a expressa autorização do autor, exceto o uso de partes para referência ou comentários.

ISBN 978-1-329-81609-1

Lulu Press, Inc.

3101 Hillsborough St, Raleigh, NC 27607

2017



O Velho e Selvagem Oeste

No Velho e Selvagem Oeste, o saloon era o local mais movimentado e frequentado da cidade. Ali aconteciam shows, dança, jogo e muitas brigas. Ali se encontravam mocinhos e bandidos, pistoleiros e desafiantes, mulheres bonitas e perigosas. A maior parte das histórias de faroeste passava por ele. Dos ambientes mais simples e rudes aos mais sofisticados, todos, indistintamente

acolhiam moradores e forasteiros, cada um com sua história, cada um com seu destino.

Famosos pistoleiros criaram fama nesse local. Outros ali encontraram a morte, na boca esfumaçada de um Colt. A fumaça da pólvora negra era o manto lúgubre que cobria mais um morto. Um punhado de serragem era jogado sobre a poça de sangue. Uma rodada gratuita de uísque barato era servida e minutos depois ninguém mais se lembrava do ocorrido.

Afinal, o Oeste era mesmo um lugar selvagem e as Novelas de Faroeste mostram isso.

O MATADOR DE JUAN DELFUEGO



CAPÍTULO 1

Em 1972, Maximiano da Áustria, Imperador do México designado por Napoleão III, foi executado pelos mexicanos, subindo ao poder um novo líder. Fora um período trágico para o país. As colheitas haviam sido péssimas e a economia estava em desarranjo. A miséria campeava e o banditismo era a única saída para os camponeses oprimidos pela fome. Bandos espalhavam-se pela fronteira com os Estados Unidos, invadindo o Texas, roubando, matando, barbarizando e deixando um rastro de sangue e destruição jamais visto antes.

O Exército Americano era incapaz de conter esses avanços danosos. Vozes clamavam no Congresso, mas ações efetivas não chegavam até a fronteira. Finalmente, no início de 1874, delegados federais com plenos poderes foram designados para combater esse mal que assolava o Texas principalmente. Os bandos começaram a ser dizimados, retornando aos pedaços e definitivamente para o México. Um deles, porém, permaneceu mais alguns meses, driblando a ação de Samuel Denver, o delegado federal mais famoso da época.

Juan Delfuego liderava esse bando e esta é a história de sua caçada.

O velhote pigarreou, depois segurou o copo com a mão direita. Pude observar a cicatriz que retorcia para trás seu dedo indicador, tornado inútil. Como bebedor veterano, Mitt Cantoan jogou o uísque direto na garganta, engolindo-o sem saboreá-lo. Ao ver que minha atenção se concentrava em seu dedo retorcido, cobriu-o automaticamente com a outra mão.

— Foi no exato momento em que ergui a mão e pedi a ele que parasse. Juan Delfuego disparou seu Colt e furou-me a

mão bem aqui — disse, descobrindo a cicatriz.

Coçou-a por instantes, pensativo. Depois seus olhos brilharam, cheios de ódio, fixos em alguma lembrança.

— Diziam que aquele bastardo era filho de mãe mexicana e pai escocês. Bebia como um gambá e matava como um açougueiro.

— E quanto às mulheres? — questionei-o.

— Violentava meninas e mulheres com uma brutalidade de animal. Eu sempre fui um homem religioso. Nunca quis acreditar que Deus, em sua suprema sabedoria, pusesse na terra um degenerado como aquele. Para mim ele não passava de uma lenda, história que os cowboys vão contando e aumentando em suas andanças. Naquele dia, porém, quando vi a nuvem de poeira ao longe, mal sabia que estava prestes a conhecer o demônio em pessoa — falou ele e sua voz confirmava o ódio que acendia seu olhar embriagado transbordando rancor.

Estávamos no saloon Eagle, em El Paso. Eu soubera que Sam Denver estava indo para lá e procurei me antecipar. Não

sabia se ele concordaria com minha ideia, mas eu precisava tentar. Eu trabalhava num jornal do Leste e havia sido mandado para lá para cobrir os acontecimentos. Meu editor reclamava uma história explosiva sobre os bandidos mexicanos e suas ações nos Estados Unidos. Eu só via um maneira de contentá-lo, por isso estava lá. Mitt Cantoan bebia sozinho no balcão e, de vez em quando, praguejava contra o México, os mexicanos e Delfuego. Isso chamou a minha atenção. Comprei uma garrafa de uísque e consegui levá-lo até uma das mesas mais ao fundo, livre dos vaqueiros que riam e se conservavam junto ao palco, aguardando a entrada das garotas.

— Pela nuvem de poeira imaginei que fossem índios. Eu tivera algumas cabeças de gado roubadas pelos mescaleros desgarrados do banco de Luscita. Mandei que minha esposa e minhas duas filhas fosse para o porão da casa. Lá estariam protegidas, eu pensava — soluçou ele e lágrimas inundaram seus olhos.

Apertou os lábios e os olhos com força, procurando se controlar. Derramou metade do copo de uísque até levá-lo aos

lábios e jogá-lo no fundo da goela. Fez uma careta, depois respirou fundo.

— Apanhei minha Winchester, carreguei-a até a última bala e saí para receber os visitantes. Era um bando de mexicanos, liderados por um homem jovem ainda, montado num cavalo branco todo arreado em prata. Pela aparência deles concluí que eram bandoleiros. Pretendia recebê-los bem, dar-lhes o que pedissem, mas nunca me enganei tanto com alguma coisa — soluçou de novo, interrompendo-se para enxugar os olhos.

Servi-lhe outra dose, mas ele não tomou. Apenas apertou o copo entre os dedos, até que as juntas se tornassem lívidas.

— O que aconteceu depois? — indaguei-lhe.

— Com minha Winchester sob o braço esperei que eles chegassem. Ergui a mão para saudá-los. Delfuego atirou nela. Desgraçado! Eu levei um susto. Deixei cair a arma. Um dos homens dele jogou o cavalo sobre mim. Fui pisoteado e desmaiei. Quando acordei, era noite e as labaredas da casa incendiada iluminavam tudo ao redor. Gritei, desesperado, por minha esposa e

filhas. Tentei entrar na casa, mas o fogo já a consumia inteiramente. Fiquei ali, parado, vendo-a desabar...

Ele interrompeu de novo a narrativa para beber o uísque e depois ficar com os olhos fixos em alguma coisa atrás de mim, mas além de mim. Um ponto indefinido, como se estivesse revendo toda a cena de novo.

As lágrimas deslizavam mansamente pelo seu rosto.

— Quando tudo terminou de queimar e o silêncio da noite me cercou, foi que ouvi os soluços. Vinham do curral. Eram elas, eu pensei. Corri para lá, cheio de alegria por imaginar que elas estavam vivas. Antes tivessem morrido no fogo, moço. Antes isso do que ver o que vi e passar o que eu passei depois.

A lembrança era terrivelmente dolorosa para ele e me contagiava, inclusive. Eu tentava imaginar a cena, mas aquela dor estava além de qualquer coisa que eu pudesse imaginar.

— A lua estava firme no céu. Lá estavam elas, as três. Nuas, violentadas e ultrajadas de todas as formas. Eles as jogaram no meio do curral e um a um foram

se satisfazendo sob os olhares dos outros. Eles fizeram isso, moço, sem nenhuma piedade. Enlouqueceram as três, juro como enlouqueceram. Minha mulher morreu meses depois, deixando-se devorar num formigueiro. Minha filha caçula banhou-se em água fervente e agonizou durante um mês. A mais velha foi trabalhar num saloon em Nogales. Foi esfaqueada porque cortou os testículos do primeiro mexicano que foi para a cama com ela. Tudo por culpa de Delfuego. Que o diabo o leve! — praguejou ele, esmurrando a mesa e fazendo dançar o copo e a garrafa.

Os vaqueiros calaram-se por instantes, olhando em nossa direção. O velho cobriu os olhos com as mãos e começou a chorar desesperadamente.

Ergui-me e deixei-o sozinho.

Samuel Denver era um americano de Chicago, onde nascera havia quarenta e dois anos. Tinha o rosto curtido pelo sol do Texas após dois anos de andanças. Era alto, de ombros largos e pernas arqueadas. Usava um par de Colts no cinturão inteiriço, feito sob medida. Diziam que era capaz de acertar uma mosca a cinquenta passos ou

estourar três garrafas lançadas ao mesmo tempo para o alto. Tornou-se uma figura lendária no oeste do Texas, mas bem poucas pessoas o conheceram tão bem quanto eu. Sam era avesso a qualquer tipo de bajulação. Era um homem duro e rápido no gatilho. Isso o fazia temido pelos bandoleiros e muitos lamentaram ter caído em suas mãos. Sam era implacável, frio e impiedoso com os fora da lei.

Naquela tarde, enquanto eu o esperava em El Paso, ele chegava a Sierra Blanca, vindo de Pecos. Quando entrou no saloon Golden Nugget, coberto de poeira, nem foi reconhecido pelos presentes. Do lado de fora, no entanto, um mexicano o espiava pela janela. Deviam estar ali, ele e seus amigos, esperando por Sam. O delegado pediu uma cerveja e deixou sua espingarda sobre o balcão. Era uma La Porte calibre 50, para matar búfalos, que disparava um tiro de cada vez. Tinha um sistema de mira especial e cano longo, próprio para tiros de precisão. Diziam que Sam a usava mais para intimidar, já que não era uma arma prática, adequada para um tiroteio.

Enquanto Sam tomava sua cerveja e espanava a poeira das roupas, o mexicano lá

fora jogou o poncho para trás e descobriu sua mortal escopeta de cano duplo. Caminhou para a porta. Quando a empurrou, as dobradiças rangeram. No balcão, Sam levantou os olhos para o espelho. O mexicano começou a levantar a escopeta, mas não teve tempo de completar o movimento nem de disparar. Sam Denver abaixou-se, girando o corpo. Já tinha nas mãos os revólveres que fizeram o saloon estremecer quando dispararam ao mesmo tempo, assustando a todos e espalhando fumaça.

O mexicano foi jogado para trás, no meio da rua. Sua cabeça fora estourada e miolos e sangue se espalhavam na poeira. Um tropel de cavalos alertou Sam, que apanhou sua espingarda e correu para a porta. Dois mexicanos desciam a rua. Sam abaixou-se e trocou sua espingarda pela escopeta do mexicano. Os dois cavaleiros haviam saído de um beco e galopavam, disparando suas armas na direção do delegado. As balas passavam zunindo ao redor dele, que engatilhou a escopeta, após conferir a carga. Quando os dois passavam diante dele, Sam disparou a pequena arma

com um estrondo que arrancou os dois homens das selas e os fez rolar na poeira.

Um terceiro havia saído do beco, mas desistira do ataque. Ao ver o destino de seus amigos, deu meia volta, debruçou-se no pescoço do cavalo e esporeou-o furiosamente, galopando no sentido oposto. Sam pegou sua espingarda. Sem pressa, carregou-a, engatilhou-a e apontou cuidadosamente. O mexicano parecia estar fora de alcance já, quando ele disparou. A poderosa bala pegou-o pela espinha, levantando-o e jogando-o sobre o pescoço do cavalo. Ambos rolaram na poeira da rua.

Sam olhou para os homens caídos na rua a sua frente. Um fora crivado de chumbo. O outro rastejava, tentando abrigar-se atrás de alguns caixotes que estavam diante do armazém. Carregava também uma escopeta, que tentava municiar. Sam não lhe deu tempo de usá-la. Saltou para a rua e caiu sobre o bandido, esmurrando-lhe a cabeça até desacordá-lo. O xerife chegou apressado. Sam apresentou-se e imediatamente levaram o mexicano para a cadeia.

O que aconteceu lá dentro nem o próprio Sam quis contar-me depois, mas as

versões guardam todas certa coerência. O xerife quisera manter o preso na cela até a chegada do médico. Sam impusera sua autoridade e ordenara ao xerife que saísse no que foi atendido realmente, pois o xerife passou aquela tarde no saloon, bebendo em companhia das garotas. Segundo o papa-defuntos que cuidou do cadáver mais tarde, Sam amarrou-o nas grades e queimou panos sob seus pés. Bateu-lhe nos rins com o cano do revólver. Arrancou-lhe alguns dentes. Quebrou-lhe um braço e um dos joelhos e, finalmente, abriu-lhe o crânio, batendo-o contra as grades.

Antes do amanhecer do dia seguinte, Sam partia para El Paso, solitário como sempre fora. Não demonstrava nenhum remorso pelo que havia feito. Sabia com quem estava lidando.

Enquanto Sam partia para El Paso, a oeste de Benson, numa pequena fazenda às margens de um tranquilo riacho, as irmãs Lucy e Sarah Aberdeen, de quatorze e dezesseis anos respectivamente, levantavam-se cedo como sempre faziam. Enquanto Lucy acendia o fogo, Sarah foi até o poço buscar água. Estranhou o silêncio

e, principalmente, o fato de Tobé, o *collie* de estimação, não estar já à porta da casa, farejando o desjejum.

— Tobé! — chamou ela, repetidas vezes, antes de voltar para casa apreensiva.

— O que houve? — quis saber Lucy, que ouvira os chamados dela.

— Tobé não está lá fora...

— Na certa está atrás de algum coelho.

— Não à hora do desjejum. Você o conhece bem — frisou Sarah, deixando o balde com a água e saindo.

Olhou na direção do celeiro. A porta estava aberta. Foi até lá. O sol nascia e iluminava o interior do depósito. Ao fundo, preso à parede por um ancinho, estava o corpo traspassado do cão. Sarah não chegou a gritar. Uma forte mão tapou-lhe a boca, enquanto outra lhe rasgava a blusa, desnudando-lhe os seios jovens, rijos e redondos. Desesperada ela mordeu a mão que lhe tapava a boca. Tentou correr. Homens surgiram de toda parte. Ela gritou, enquanto eles se lançavam sobre ela, rasgando-lhe as vestes, beijando-a, mordendo-a, amassando-a.

Lucy acorreu aos gritos da irmã, após haver alertado o pai, que se convalescia de

uma queda de cavalo. Quando ela chegou ao celeiro, um mexicano violentava sua irmã, enquanto os outros a seguravam e zombavam dela. Horrorizada, tentou correr de volta para casa. Foi agarrada igualmente.

Frank Aberdeen chegou ao celeiro praticamente se arrastado, para observar suas filhas serem ultrajadas. Juan Delfuego o manteve imóvel sob o salto de sua bota, obrigando-o a presenciar tudo aquilo.

A fazenda foi saqueada. Cavalos e gado foram roubados, bem como tudo de valor e utilidade encontrado. O xerife de Benson foi alertado algumas horas depois pela fumaça negra que subia ao céu. Chegou à fazenda a tempo de impedir que o desgraçado Frank Aberdeen se enforcasse numa árvore, desesperado pela morte violenta de suas filhas, ultrajadas cruelmente pelos bandoleiros.

— Quem fez isso? — precisou indagar diversas vezes o xerife, até que Frank entendesse o que ele estava perguntando.

— Mexicanos...

— Juan Delfuego?

— Num cavalo branco, com arreios de prata...

— É mesmo o maldito — deduziu o xerife.

Observou a casa e o celeiro em chamas. Nada poderia ser feito para salvar a propriedade. Mandou que levassem Frank para a cidade. Sobravam-lhe doze homens, todos decididos e muito bem armados.

— A trilha está fresca e eles não estão longe, pessoal. O que me dizem de segui-los? São os homens de Juan Delfuego! — informou ele.

Os homens se entreolharam. A prudência os mandava retornar à cidade e esquecer o incidente. Enfrentar Juan Delfuego era loucura. A indignação, porém, diante do que viram ali motivou a decisão corajosa.

— Vamos atrás deles!

Uma patrulha de doze homens partiu atrás de Juan e de seu bando, que tinham a marcha retardada pelo gado que levavam. Era uma trilha fácil de seguir. Fácil até demais. Fred Mobridge chefiava a patrulha que esperava alcançar o bando após o meio-dia. Cheios de ódio e ansiosos pela vingança, deixaram de lado as precauções. Foram emboscados no começo da tarde, a alguns quilômetros do deserto. Todos os

homens foram mortos, exceto o próprio Fred, que foi levado para o deserto, onde lhes tiraram as botas e furaram-lhe os olhos. Seu cadáver seria encontrado alguns dias mais tarde, devorado pelos abutres.

CAPÍTULO 2

O vento frio da madrugada que vinha do deserto pouco a pouco ia se aquecendo com o nascer do dia. Um mormaço sufocante começava a pairar no ar. As pessoas acordavam cedo em El Paso. Carroças circulavam pelas ruas. Garotos e mulheres varriam as calçadas empoeiradas. Jogadores e aventureiros começavam a se reunir no saloon.

Naquele dia, Tom Mississippi disputaria sua memorável partida com Alex Carrefort, mas o público seria reduzido. Nunca o pôquer teve tão poucos espectadores em El Paso. Uma agitação incomum acontecia diante da cadeia, logo ao amanhecer. Assim que eu acordei, fui ver o que estava acontecendo lá.

— E aqueles que estiverem dispostos a me seguir, apanhem seus cavalos e armas. Não se esqueçam de levar muita munição, pessoal. Se tivermos sorte, poderemos alcançá-los antes que cruzem a fronteira — dizia o xerife.

Indaguei a um rapazola inquieto ao meu lado o que estava acontecendo.

— O bando de Juan Delfuego foi visto essa noite ao sul de Deming. O xerife está formando uma patrulha para ir ao encalço deles.

Aquela era a minha chance de dar ao meu editor uma boa história. Mandei preparar meu cavalo e, por precaução, meu Colt de cano curto, mas eficiente. Duas horas depois, uma patrulha de quase trinta homens partia rumo oeste, no encalço do bando de Juan Delfuego. Avançamos até meio caminho entre Deming e Douglas, mas nada encontramos. Havia sido um alarme falso.

Acampamos, naquela noite, à margem de um riacho que demarcava a fronteira mexicana. Os homens estavam exaustos e frustrados. Por volta das dez horas, um cavaleiro se aproximou de nosso acampamento. Era um vaqueiro conhecido de todos. James Wilderson sentou-se junto ao fogo e tomou café, enquanto narrava o que ocorrera em Benson naquela manhã.

— As duas foram mortas e o pobre rancheiro enlouqueceu. Conseguiram impedir que ele se enforcasse no próprio rancho, mas não puderam impedir que ele enfiasse uma espingarda na boca e puxasse

o gatilho. Uma patrulha foi mandada atrás do bando, mas ainda não havia retornado quando saí de lá. Duvido que consigam pôr as mãos naquele demônio.

— Então ele rumou para oeste. Disseram-me, na cidade, que os bandoleiros haviam sido vistos ao sul de Deming — comentou o xerife.

— Enganaram-se, então. Após o ataque à fazenda, rumaram para oeste. Na certa vão atravessar parte do deserto e atacar na região de Yuma. Ou então vão voltar para o México. Nos últimos dias eles atacaram várias vezes. Acho que já têm comida e dinheiro suficiente por algum tempo.

— Malditos! E quem saberá quando eles atacarão de novo? — praguejou o xerife.

Aproveitei a insônia coletiva daquela noite para obter do xerife mais informações sobre Juan Delfuego e seu bando. Segundo o homem da lei, os ataques obedeciam a um esquema definido. Durante duas ou três semanas o bando saqueava e matava seguidamente, movendo-se com rapidez. Depois desaparecia por um ou dois meses. Quando todos julgavam que ele jamais

voltaria, Juan Delfuego atacava novamente de surpresa.

Eu estava curioso quanto à notícia de que um famoso delegado federal estava no encalço do bando. Arrisquei perguntar.

— Sam Denver está no encalço dele. O que significa isso exatamente, xerife? — quis saber.

— Que os dois se merecem, é o que posso dizer. Juan Delfuego tem agora uma serpente em seu calcanhar. Sam Denver esta caçando uma serpente. Ambos são espertos. Será uma boa briga, mas ninguém sabe quando isso acontecerá. Pode estar certo que acontecerá. Quando e onde eu não sei.

— E o que pode um homem sozinho contra todo um bando?

— Juan tem perto de trinta homens. Às vezes se dividem para atacar. Às vezes atacam com força total. Juan decide isso. É ele que une o bando. Sam Denver sabe que não terá de matar todos eles. Esses bandoleiros são como um corpo degenerado. Para matá-lo, basta cortar-lhe a cabeça. Sam Denver sabe disso. Sabe que se matar Juan, o bando todo se desmantelará naturalmente, como um corpo decapitado.

— Soube que Sam desbaratou outros bandos e que o de Juan é o último em atividade.

— Sim. Sam está atrás dele há uns três meses, apertando o cerco devagarinho. Juan sabe disso e tentará deter Sam antes que ele chegue perto demais. Sam é esperto como uma raposa e tem escapado de todas as emboscadas. Juan é um zorro que não descansará enquanto não eliminar a única ameaça a sua existência.

Fomos interrompidos por um dos homens que saíra fazer uma patrulha e retornava.

— Xerife, há uma luz não muito longe daqui. Parece um acampamento. Podem ser cowboys ou não...

— A que distância?

— Umas três milhas, no máximo.

— Acho bom darmos uma olhada. Está todo mundo sem sono mesmo — decidiu o xerife.

O acampamento agitou-se. As armas foram verificadas mais uma vez. O grupo seguiu o guia até o topo de uma colina. Dali podíamos ver a luz de uma fogueira a umas três milhas de nós.

— O que acham? — indagou o xerife.

— Vamos dar uma olhada, xerife. Podemos deixar os cavalos e ir a pé. É mais prudente. O que me dizem? — comentou um dos homens.

— Acho que está certo. Vamos deixar os cavalos. A noite está ótima para um passeio e não acordaremos ninguém quando chegarmos lá. Tirem as esporas e confirmem as armas, rapazes. E que Deus nos ajude! — falou o xerife.

— Amém! — responderam alguns.

— Estamos muito próximos da fronteira com o Novo México, xerife. Isto se nós já não a ultrapassamos. Não vai ter problema de jurisdição com isso? — questioneiro-o.

— Quando se trata de bandoleiros mexicanos, não há fronteiras neste país, Sr. Léger. Esta é a única fronteira — afirmou ele, erguendo sua Winchester.

Partimos no maior silêncio. Apenas as botas resvalando nas pedras ou afundando-se na terra quebravam o silêncio da noite escura. Como vingadores vindos das profundezas do além, aqueles homens marchavam com a morte em seus pensamentos e uma comichão irresistível em seus dedos indicadores.

Naquela noite, num povoado mexicano não muito longe da fronteira com os Estados Unidos, um bando cansado tangia uma pequena manada pela rua principal, fracamente iluminada por esparsos lampiões. Janelas e portas começaram a se abrir para exhibir rostos sonolentos e famintos. O medo desaparecia de seus semblantes. Seus olhos brilhavam de total alegria.

— Juan Delfuego voltou! — gritavam, saindo à rua, fazendo festa ao redor dos bandoleiros.

Na praça junto à fonte, Juan desmontou de seu cavalo branco e uma dezena de garotos se apresentou para segurar as rédeas. Juan acariciou-lhes carinhosamente as cabeças, depois se voltou para seus homens.

— Dividam tudo. Levem o gado para o pasto. Abatam uma rês para que todos durmam de barriga cheia esta noite — ordenou ele, sob a aclamação de todos.

— Deus o abençoe, Juan! — gritou uma velha senhora.

Juan olhou-a compadecido, depois abaixou a cabeça e afastou-se.

Aproximamo-nos até uma distância prudente. A lua surgira tardiamente naquela noite e sua claridade tornava perigosa a nossa missão, pois teríamos que avançar em campo aberto.

— Muito bem, homens. Quero dois voluntários para se aproximar do acampamento e ver o que está acontecendo lá — pediu o homem da lei.

— Xerife! — chamei-o. — Posso ir? Acho que serei mais útil que qualquer outro. Posso fazer um desenho de memória de tudo que observar lá. Posso dar-lhes as posições de cada um dos homens naquele acampamento, suas armas e seus cavalos.

Ele gostou da ideia. Os outros também. Eu e Budd Buster, um rapazola sardento e mirrado, rastejamos na noite, buscando o abrigo das pedras e troncos, aproximando-nos do acampamento. Eu segui o rapaz, que se mostrou um especialista naquela arte, confundindo-se com a paisagem como se fosse uma sombra ou um tronco, deixando-me atônito. Só o percebia quando ele se movia. Tentei fazer exatamente como ele.

Com isso aproximamo-nos do acampamento o suficiente para observar.

Era um pequeno bando de mexicano, nove ao todo. Dois deles montavam guarda junto a uma rocha, mas estavam mais preocupados em esvaziar uma botija de uísque do que com qualquer surpresa. Sete deles esparramavam-se ao redor da fogueira, cobertos pelos ponchos e com seus sombreros cobrindo a cabeça. Estavam muito bem armados. Havia rifles e cinturões por toda parte.

Observei atentamente, memorizando os detalhes importantes. Retiramo-nos depois e voltamos ao encontro dos homens que nos esperavam com expectativa. Eles se aglomeraram em torno de mim, enquanto eu rabiscava num pedaço de papel o desenho do acampamento. Sabia que meu editor iria adorar aquele detalhe, pois poderia publicar o desenho que servira para o plano de ataque.

— E esta é a posição de cada um deles, xerife — finalizei, após detalhar o acampamento.

— Acho que não temos dúvida a respeito de quem são eles — ponderou o xerife.

— Observei os cavalos deles, xerife — disse Budd. — vi marcas do Ranchos 2R,

dos irmãos Robert, saqueado há duas semanas a leste de Rincón.

— Bom trabalho, Budd! Bom trabalho, Sr. Léger! Agora é conosco — disse o xerife, erguendo-se.

Os homens esperavam com ansiedade as ordens.

— Spencer, você leva cinco homens e os coloca aqui — explicou o xerife, mostrando a posição no desenho que eu havia feito.

— Certo, xerife — disse Spencer, começando a reunir seu grupo.

— Sammy — continuou o homem da lei — quero você e mais três nestas rochas. Você, Ned, ocupa estes troncos, juntamente com seus amigos. Todos entenderam?

Os homens confirmaram com resmungos. O xerife se voltou para mim.

— Pode vir comigo e os outros, Sr. Léger. Se quiser ficar, no entanto, entenderei.

— De forma alguma, xerife. Quero estar presente lá. Sou um jornalista, lembra-se?

— Não vai ser uma coisa bonita de se ver.

— Que seja! — confirmei, decidido.

Ele fez um sinal positivo com a cabeça. Armas nas mãos, os homens deslizaram pela noite. O xerife, eu e alguns outros tomamos posição diante do acampamento, numa depressão do terreno, junto a uma fonte. Os outros começaram a se distribuir conforme ordenado pelo xerife. Um cavalo relinchou e um dos mexicanos acordou. Gritou qualquer coisa aos dois que montavam guarda. Um deles praguejou e ergueu-se, após apanhar seu rifle.

Prendemos a respiração. O mexicano foi até onde estavam presos os cavalos. Pareceu desconfiar de alguma coisa, pois firmou a arma e começou a empurrar lentamente a alavanca da Winchester para baixo.

— Gringos! — berrou no meio da noite, saltando como um demônio para trás de uma rocha.

Imagino que seu corpo, ao tocar o solo, já estava perfurado umas vinte vezes, pois todos o haviam enquadrado em suas miras. Seu corpo caiu desarticulado, como um boneco de pano. Um verdadeiro inferno teve lugar ali. Balas zumbiam pela noite, batiam nas pedras e gemiam na pior das melodias. Os mexicanos buscaram abrigo,

mas estavam cercados e eram abatidos de uma forma ou de outra. Os homens do xerife não pouparam munição. Cada mexicano que se ergueu, de arma em punho, foi fuzilado. Quando tudo silenciou e a fumaça dissipou-se, erguemo-nos e fomos caminhando na direção do centro do acampamento.

Budd Buster adiantou-se, interessado em apanhar algo que caíra perto da fogueira. Era uma escopeta mexicana. Quando estendeu o braço para pegá-la, um vulto e um facão relampearam à luz do fogo. Budd nem teve tempo de gritar. A sua cabeça, decepada num só golpe, caiu na poeira e seu corpo desabou como um saco de feijão. Os olhos abertos em sua cabeça ficaram olhando a lua no céu.

— Não o matem! — berrou o xerife.
— Eu o quero vivo!

O mexicano estava cercado, brandindo sua lâmina manchada de sangue. Seus olhos brilhavam como os de uma fera. Ele girava o corpo e encarava cada um como se pretendesse enfrentar todos os homens da patrulha.

— Deixe-me matá-lo, xerife! — suplicou Spencer. — Ele matou Budd a sangue frio! Pelo amor de Deus, xerife!

— Controle-se, Spencer! Ele é importante para nós. Sam Denver está para chegar à cidade e vai gostar de arrancar dele alguma informação.

Ao ouvir o nome de Sam Denver, o mexicano ficou imóvel, o terror estampado em seu rosto.

— Solte essa arma, rapaz! — ordenou o xerife, erguendo seu rifle.

Ele não esperou resposta do jovem mexicano. Disparou o rifle. O rapazola gemeu de dor, enquanto o sangue escorria de sua mão estraçalhada e manchava suas roupas. Spencer se adiantou e golpeou-o na nuca com a coronha da Winchester. Quando ele caiu, foi chutado selvagememente. A custo o xerife conseguiu conter Spencer. Enquanto os homens levantavam o rapaz e improvisavam um curativo em sua mão e o amarravam, aproximei-me do xerife.

— Viu como ele ficou imóvel quando ouviu o nome de Sam Denver? — observei.

— Eles o conhecem e o temem.

— O que vai acontecer agora?

— Se eu conseguir evitar que esse mexicano seja linchado, tentarei levá-lo para a cadeia, onde o entregarei ao Sam.

— Em que isso pode ajudar?

— Sam sabe como fazer um homem falar. Esses mexicanos são duros, não abrem a boca facilmente.

— Está dizendo que Sam o fará trair os outros?

— Mais ou menos.

Os homens começaram a circular por entre os corpos dos mexicanos mortos.

— Este aqui está vivo, mas muito mal, xerife — disse alguém. — O que fazemos com ele?

A última coisa que o xerife queria era se incomodar com feridos. Olhou para Spencer, que o olhava com expectativa.

— Ele é seu, Spencer — disse e virou as costas.

Fiquei olhando para ver o que aconteceria. Spencer chamou alguns homens e foram até o mexicano ferido. Dois homens o ergueram, mantendo-o em pé, preso pelos braços. Spencer apanhou um facão. Olhou o mexicano nos olhos. Juntou as duas mãos dele sob a barriga, após ter-lhe aberto a camisa. O facão afiado desceu do

peito até o baixo ventre do mexicano. Suas vísceras saltaram para suas mãos. Ele ficou abobalhado, segurando-as, tentando pô-las de novo no interior da barriga. Os homens o soltaram. Ele caiu de joelhos e suas tripas se misturaram com a poeira. Ele levantou os olhos para Spencer. Havia ódio, orgulho e dor neles. Spencer sorria.

CAPÍTULO 3

Voltamos ao nosso acampamento. Os homens estavam exaustos e, após o massacre, haviam perdido toda a agressividade. O prisioneiro foi posto sob guarda. O xerife mandou reforçar a vigilância, temendo a proximidade de outro bando mexicano.

— É verdade tudo aquilo que dizem a respeito de Sam Denver, xerife? — indaguei.

— Pode ter certeza que sim, Léger. O pessoal aumentou uma coisinha aqui, outra coisinha ali, mas, no fundo, tudo que se fala sobre ele é verdade. É um homem duro, cruel e astuto. Além disso, tem muita coragem para fazer o que faz.

— Se é assim, qual é o futuro daquele pobre rapaz ali? — questionei, apontando o rapazola.

— Pobre rapaz? — ironizou o xerife. — Não pense que ele não terá merecido cada uma das carícias de Sam Denver — completou, com desprezo.

— Acha que o mexicano falaria comigo?

— Para quê?

— Pode ser interessante ouvir a versão dele.

— Eu lhe digo qual é a versão dele, Léger. É chamada de preguiça. Para eles é muito mais fácil roubar nosso gado, nossas colheitas, abusar de nossas mulheres e nos matar do que cultivar sua própria terra.

— Eu gostaria de tentar ainda assim — insisti.

— Então vá em frente!

Eu estava cansado, mas não podia perder uma chance como aquela de ouvir daquele mexicano algo que justificasse as ações do bando ou que ao menos explicasse a razão de tanta selvageria. Apanhei café e fui me sentar perto dele. Suas mãos estavam amarradas às costas. Cordas trançavam-se sobre seu peito, imobilizando-o. Dei-lhe café nos lábios. Ele bebeu, depois me olhou entre surpreso e arredo.

— Está doendo? — indaguei-lhe, referindo-me a sua mão ferida.

Ele balançou a cabeça, numa negativa.

— Pertence ao bando de Juan Delfuego?

Ele estufou o peito orgulhosamente e fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Onde está ele agora?

O rapaz desviou o rosto, olhando noutra direção. Percebi que ele nadaalaria a respeito daquilo.

— Por que se separaram, então?

— Para desviar a atenção.

— Como?

— Iscas...

— Estão aqui para distrair a atenção, enquanto Juan se desloca em outra direção?

Ele voltou a olhar para o lado. Entendi que havia acertado em minha dedução. Enquanto o bando se punha a salvo, aqueles homens atuavam como chamarizes, afastando as patrulhas do caminho.

— Sou jornalista, compreende o que eu digo? Escrevo notícias para um periódico do leste dos Estados Unidos. Todos lá estão curiosos a respeito de Juan Delfuego e de seu bando. Não pode me contar alguma coisa sobre ele?

— Somos bandoleiros...

— Sim, disso eu sei, mas quero saber por quê? Quando tudo começou? Quem é Juan Delfuego?

— Juan é nosso líder, o homem que nos alimenta, que nos tornou dignos...

— Dignos? — interrompi-o. — Vocês matam, roubam, violentam as nossas

mulheres, incendeiavam casas e plantações e acha isso digno?

— Aprendemos com os austríacos.

— Diabos! Então por que não vão atacar a Áustria?

— Os Estados Unidos estão mais perto.

Não era lá uma lógica muito convincente, mas tinha sua coerência.

— Como é seu nome?

— Pedro Molina y Hernandes.

— Sabe o que o espera em El Paso?

— A força, com certeza.

— Sam Denver.

O mexicano empalideceu e ficou hirto, olhando a fogueira a nossa frente. Seu rosto refletia medo, um medo além de suas forças.

— Um rancho foi atacado hoje, a oeste de Benson. Você participou do ataque?

Seu rosto brilhou, demonstrando um orgulho incompreensível para mim. Com detalhes ele me narrou todos os pormenores do ataque ao Rancho Aberdeen. Contou-me do estupro das garotas na presença do pai, o saque, o fogo devorando tudo, a figura imponente de Juan Delfuego mantendo o velho sob o salto de sua bota, obrigando-o a

assistir à desonra das filhas. Contou-me, em seguida, sobre a perseguição do xerife da cidade, a emboscada, o suplício a que foi submetido o homem da lei deixado para morrer no deserto, cego e sem botas. Para aquele rapazola, cegar um homem, torturá-lo e matá-lo parecia o ato mais natural e honrado do mundo. Eu tentava compreender isso, mas não podia. Era difícil imaginar aquele tipo de vida, de educação e de formação de um caráter. Perguntei-me de onde teria ele vindo? De que meio miserável e violento? Que infância tivera para andar lado a lado com a morte daquela forma tão natural?

— E Juan Delfuego, como é ele? — indaguei, aproveitando-me de seu entusiasmo.

— Juan é um santo.

— Um santo? — estranhei.

— Sim, um santo.

— Como sabe?

— Juan é um homem de Deus. Um homem que veio do céu para cuidar de nós.

— Cuidar? Dando-lhes armas e os ensinando a matar?

— Os austríacos nos ensinaram a matar. A fome nos fez recorrer às armas.

— E não teria sido mais fácil cultivar a terra, plantar e criar gado?

— Que terra?

Fiquei surpreso com a resposta dele. O México me parecia um país muito grande, com muita terra para ser cultivada. O que os impedia?

— De quem são as terras do México, senão do povo que executou Maximiano?

Ele riu com ironia.

— O povo não tem terras no México. E se tem terra, não tem semente. Se planta, os soldados do novo governo ficam com a colheita.

Tentei entender aquela situação. O que os movia não era ódio, mas a necessidade de sobrevivência, a fome, enfim. A maneira como atacavam era apenas a imitação do modo como haviam sido tratados pelos austríacos e, possivelmente, pelos soldados do novo governo. Na realidade, nada mudara para eles. Continuavam na mesma miséria e no mesmo desamparo. Mas poderia isso inocentá-los? Não, não havia fundamento. A violência não podia gerar mais violência. Os atos mais absurdos não podiam ser justificados por atrocidades sofridas. O desespero não podia tornar tudo

praticável e aceitável. Se suas vilas haviam sido atacadas, suas casas saqueadas, suas colheitas destruídas e suas mulheres violentadas, era correto abominarem isso. No entanto, tomavam isso como um aprendizado para garantir suas vidas.

Eu precisava, porém, saber mais sobre o tal Juan Delfuego. Insisti na pergunta.

— Juan cavalga um cavalo branco, o cavalo de um anjo, todo arreado em prata...

— Como assim?

— Todos os metais dos arreios são de prata pura — explicou-me ele.

— E como ele é fisicamente? Alto, baixo, magro...

— É um homem alto, o mais alto de todos. É muito forte e corajoso. Sua voz parece ao som de um trovão sobre a terra. Quando ele está zangado, até as árvores se curvam para ele. Mas a brisa se perfuma quando ele está contente e todos ficam contentes com ele...

Havia um brilho de adoração quase místico nos olhos daquele rapaz. Para ele e seus compatriotas, Juan era um deus, o anjo salvador, o caudilho que redimia suas vidas miseráveis. Eu havia conquistado a simpatia do rapaz. Ele continuou falando, Juan era

um comandante astuto, jamais voltava de mãos vazias.

— Voltando para onde? — eu indaguei, mas ele riu de minha tentativa.

Continuou falando sobre seu chefe. Juan era o salvador de sua gente. Matar era seu lema e roubar era sua meta. Roubar para alimentar seu povo. E o rapaz tinha certa razão. De humildes camponeses ele fizera um bando de guerreiros dispostos a lutar e morrer por ele. Tentei conseguir alguma coisa consistente, mas Pedro tinha uma figura idealizada e endeusada de Juan. Nenhum detalhe físico era normal. Tudo em Juan era exagerado ante os olhos do rapaz.

— O que sabe sobre Sam Denver? — indaguei-lhe, então.

Em resposta ele fez uma careta de ódio que jamais vi, depois cuspiu de lado com nojo.

— Juan disse que Sam Denver é um homem morto — disse-me ele, depois se fechou e nada mais falou naquela noite.

Quando chegamos a El Paso, no dia seguinte à tarde, um comitê de recepção de cidadãos exaltados nos esperava. Quando viram o prisioneiro que trazíamos, ficaram

agitados. O xerife temeu um linchamento, por isso sacou seu revólver e disparou para o alto.

— Este prisioneiro pertence ao delegado federal Sam Denver — anunciou ele.

A multidão foi se acalmando. Muitos olhavam na direção do saloon, como se houvesse alguma ligação entre a chegada de Pedro Molina e alguém que estivesse lá. Olhei também. Compreendi que era ele aquele homem alto, barbado, com uma espingarda enorme no ombro, que passara pela porta do saloon, olhando em nossa direção. Tinha um porte imponente, ereto e ameaçador ao sol, com aquele olhar frio e inexpressivo concentrado em Pedro Molina. Olhei o mexicano. Estava petrificado na sela.

— El gringo! — murmurou ele, quase num sussurro de admiração.

O xerife se adiantou, puxando pela rédea o cavalo montado por Pedro. Parou diante de Sam e desmontou. Sam desceu lentamente a escada até a rua. O xerife estendeu-lhe a rédea do cavalo do mexicano.

— É todo seu, delegado — disse o xerife e entrou no saloon.

Sam não voltou a olhar o prisioneiro. Simplesmente começou a caminhar pela rua na direção da cadeia, arrastando o cavalo com o prisioneiro. Os outros desmontaram e entraram no saloon. O povo permaneceu nas portas e janelas, observando com respeito aquele estranho cortejo. Desci do meu cavalo e corri no encalço dele.

— Sam Denver, sou Eduard Léger, do New York Star, já ouviu falar?

— É um jornalista? — retrucou ele sem me olhar.

— Sim, sou jornalista. Posso saber o que pretende fazer com o prisioneiro?

— Que prisioneiro? — retrucou ele novamente, sem parar de caminhar.

— O mexicano no cavalo — argumentei, embora meio perdido com a colocação dele.

Ele parou. Virou-se e olhou Pedro sobre a sela.

— Refere-se a essa lixo aí?

— É um prisioneiro, Sr. Denver. Uma patrulha o capturou e toda a cidade está vendo você levá-lo. O que me diz disso?

Ele encarou o mexicano por instantes, depois se voltou lentamente para mim. Seu olhar era frio e inexpressivo, realmente assustador. Pedro Molina, sobre o cavalo, olhava-o como se visse o próprio demônio.

— Vou interrogar o prisioneiro — falou-me Sam, voltando a caminhar.

— Posso estar presente? Gostaria de poder contar aos nossos leitores do leste alguma coisa sobre seu famoso método. É possível?

Ele riu.

— Famoso método, Léger? Não acha que isso vai chocá-los demais?

— Eles têm direito à informação.

— Respeito isso, Léger. Por que não me acompanha, então? Vai ter muito que escrever sobre meu famoso método — frisou ele, virando-me as costas e continuando a caminhar.

Acompanhei-o. Levava minha maleta com o material de desenho e o caderno de notas. Estava curioso. Muito se falara sobre Sam Denver. Sua fama o precedia. Seu desejo de chegar até Juan Delfuego a todo custo o tornava obcecado, mas lúcido. Era um homem calmo que andava a meu lado,

puxando a rédea de um cavalo e levando uma espingarda enorme apoiada no ombro.

— Que arma é essa, delegado?

— Uma La Porte especial, calibre 50. Sabe quem me deu esta arma?

— Nem imagino.

— O próprio Búfalo Bill.

— É uma arma de caça, não?

— Sim, é o que eu faço — respondeu-me ele simplesmente.

Paramos diante da cadeia. Ele ordenou que Pedro desmontasse. Esperei que o mexicano se rebelasse. Afinal, eu estava certo de que ele compreendia exatamente o que o esperava dentro daquela cadeia. Para minha surpresa, no entanto, Pedro desceu obedientemente do cavalo e caminhou. Sam abriu a porta. O mexicano entrou. Eu entrei em seguida. Sam fechou a porta, após entrar. Levou Pedro para dentro de uma cela. Parecia calmo, mas era apenas aparência. Um vulcão fervilhava dentro dele. Quando Pedro entrou na cela e se voltou, encarando-o, Sam Denver transfigurou-se. Agarrou-o pelos cabelos e jogou-o contra a parede. Pedro gemeu com o baque e caiu para frente. Antes que tocasse o piso de cimento, Sam mandou-lhe

a bota de encontro ao rosto e eu vi sangue espirrar em todas as direções. Pedro gemeu mais forte, cuspiendo sangue. Sam debruçou-se sobre ele e soltou a corda que lhe prendia os pulsos. Depois o segurou pelo colarinho e o levantou, levando-o para fora da cela até o fogão, onde um bule de café aquecia sobre a chapa quente. Sam retirou os panos que cobriam a mão ferida do rapaz. Fez isso com movimentos bruscos, provocando sangramento.

Pedro não disse nada. Sam olhou-o dentro dos olhos, enquanto baixava-lhe a mão ferida contra a chapa quente do fogão. O mexicano tentou resistir, mas a dor foi mais forte. Ele urrou e se debateu como um demônio incorporado. Sam esmurrou-o no estômago, depois o jogou contra as grades da cela. Olhou para mim, limpando o suor da testa com a manga da camisa.

— Não sei o que pensa de tudo isso, Léger, mas aconselho-o sair se tem estômago fraco, compreende? — disse-me ele.

— Não acha que exagera?

— Já viu o que sobra de uma garotinha de doze anos depois de ser estuprada por

trinta homens, Léger? — devolveu-me ele, com ódio na voz.

Pedro estava caído no piso. Sam o segurou pelo pescoço e o levantou diante de si. Segurou-o pelo queixo, fazendo-o olhá-lo de frente.

— Quero que me diga onde está Juan Delfuego — disse Sam. — Pode fazê-lo agora ou mais tarde. A questão é quanto você deseja sofrer até me dizer o que eu quero.

Aquilo me interessou, pois seria um duelo de vontades. Pedro se esquivara todas as vezes em que eu indagara sobre o paradeiro de Juan. Sam queria a mesma coisa agora.

— Gringo porco! — rosnou Pedro, cuspendo no rosto de Sam.

Foi como mexer num vespeiro ou provocar um potro xucro. Ou como pisar inadvertidamente numa cascavel ou coisa assim. Até hoje não consigo encontrar uma imagem que traduza o que ocorreu naquele momento. A reação de Sam foi inesperada e imprevisível. Eu jamais havia presenciado algo como aquilo. Ele ergueu o corpo de Pedro acima de sua cabeça, depois o golpeou seguidamente com a esquerda, na

lateral direita do corpo do mexicano. Em seguida o soltou. As pernas não sustentaram Pedro, mas ele não chegou a cair para lado nenhum. Os pontapés de Sam o mantiveram sempre na mesma posição. Sam sabia onde bater. A cada golpe, Pedro arfava. Via-se pelo rosto dele o quanto aquilo doía, mas não lhe tirava a consciência.

Estava nisso a arte de Sam. Bater sem fazer o prisioneiro desmaiar. Bater apenas para provocar dor. Foi isso que ele fez com aquele rapaz mexicano. Nas mãos de Sam, naquele fim de tarde, Pedro Molina pagou todos os crimes contra o povo americano. Quando Sam terminou, Pedro arfava, enroscado nas grades da cela como um boneco. O delegado respirou fundo e voltou à calma. Apanhou uma jarra de água e jogou no rosto de Pedro, que se debateu debilmente.

— Vou lhe dar dez minutos para descansar, seu bastardo, depois começarei tudo de novo até você me contar onde vou achar um filho da mãe chamado Juan Delfuego.

— Porco sujo! — gemeu Pedro.

Sam apenas o segurou de novo pelo colarinho e o jogou no fundo da cela.

Depois foi se sentar no catre ao lado do infeliz prisioneiro. Retirou do cinto, às costas, uma faca Bowie de lâmina longa. Tirou do bolso uma pedra de amolar e começou a passar o gume da faca nela, num movimento mecânico e ritmado.

— Volto a insistir, Léger. Se tem estômago fraco, este é o momento de sair daqui.

Engoli seco. Talvez devesse mesmo sair dali e jamais presenciar o que iria acontecer. Além da curiosidade jornalística, no entanto, havia algo parecido com um prazer sádico de observar como aquele rapaz, criado na violência, suportaria aquilo. No fundo eu o condenava por tudo que havia feito. Não havia justificativa para sua violência contra meus compatriotas. Da mesma forma como nada justificava a violência de Sam contra ele.

Ou justificava?

Sam, no fundo, tinha um objetivo definido: acabar com aquele círculo vicioso de violência. Nem que para isso precisasse usar de toda violência ao seu alcance. Eu queria ver como conseguiria, por isso fiquei ali para sentir o momento final. Eu vi, então, Pedro Molina, um rapazola mexicano

de dezesseis ou dezessete anos ser esfolado vivo até gritar com todas as forças de seus pulmões o nome de um vilarejo no México.

CAPÍTULO 4

Sam Denver era um homem que bebia sozinho. Apesar de todo respeito e admiração que inspirava, ele se sentava nos lugares mais reservados do saloon e bebia sozinho, com uma garrafa de uísque e um copo sobre a mesa. Fiquei no balcão, observando. Sam não olhava para o palco onde as garotas se exibiam. Seus olhos estavam sempre fixos na porta e na janela do saloon. Ao alcance de sua mão estava a espingarda calibre 50. Os dois Colts estavam soltos nos coldres, prontos para serem sacados. Era um homem realmente intrigante. Peguei o que restava de minha cerveja e fui até a mesa dele.

— Posso me sentar, delegado?

— À vontade, senhor jornalista! — respondeu ele e com o pé empurrou uma das cadeiras laterais da mesa.

Percebi que ele desejava continuar vigiando a porta e a janela. Isso me deixou ligeiramente incomodado.

— Espera visitas? — indaguei-lhe, enquanto me sentava.

— Sempre espero visitas.

Fiquei mais incomodado, então. Estar ali, naquela mesa, era se transformar num alvo. Tirei meu caderno de notas e o lápis. Talvez conseguisse traçar um perfil definitivo daquele homem.

— Pode me falar alguma coisa sobre sua vida, delegado? — perguntei.

Fiquei esperando, mas ele nada disse em seguida. Achei que devia perguntar.

— Sente ódio pelos mexicanos?

— Não.

— O que sente, então?

— Nada.

— Por que tratou aquele rapaz daquela forma?

— Que forma? Só existe uma forma de tratar com bandidos, assassinos e estupradores, moço. A minha maneira.

— Acha que justifica usar violência contra violência? Você praticamente o matou. Não acho que ele passe desta noite.

— Muita gente não está viva esta noite, moço, graças a gente como Pedro Molina. Não acha que eu deveria ser brando com eles, acha? Sentar-me e pedir-lhes gentilmente que me digam o que preciso saber? Todos eles, todos os que caíram em minhas mãos sabiam, desde o princípio, que

falariam. Há uma espécie de orgulho neles em ver quem consegue suportar por mais tempo ou, então, quem consegue morrer antes de me revelar alguma coisa.

— Já aconteceu isso?

Ele pensou por instantes.

— Sim, no começo. Eu exagerava, não sabia de algumas coisas e acabava matando-os. Depois, não. Aprendi. Foi uma questão de experiência — contou-me, friamente.

— O que pretende fazer agora com a informação que obtive. Guzmán é o povoado que Pedro indicou, mas fica em território mexicano.

— Eu sempre soube que Juan tinha uma base no México, um povoado para onde levava o produto de seus roubos... — interrompeu-se ele, olhando dois homens que acabavam de entrar.

Vestiam-se como cowboys, mas carregavam espingardas, o que não era muito comum. Eles foram até o balcão e pediram uísque. Pelo espelho, examinavam o local, procurando alguém. Quando localizaram nossa mesa, conversaram entre si. Sam continuava imóvel, olhando-os. Sua mão se estendeu para a espingarda. Uma garota falou alguma coisa para alguém no

outro lado do salão, depois começou a atravessá-lo naquela direção.

— ...quando terminava seus saques por aqui — finalizou, sem me olhar.

A garota passava entre nós e os homens no balcão. Eles se viraram com as armas nas mãos e dispararam ao mesmo tempo, praticamente cortando a jovem ao meio. Alguns chumbos chegaram até nós, cravando-se na parede acima de nossas cabeças. O pânico instalou-se no saloon. Os dois homens começaram a remunciar suas espingardas. Sam ergueu a sua e disparou contra um deles. Eu ainda não tinha visto exatamente o que uma espingarda daquelas fazia com um ser humano. A cabeça do mexicano simplesmente sumiu. Em compensação, o espelho atrás dele tingiu-se de sangue e miolos.

Sam empurrou com o pé minha cadeira para trás, derrubando-me. O mexicano havia municiado a espingarda e apontava-a para nossa direção. Sam ficou em pé com os dois Colt em suas mãos. Disparou-os ao mesmo tempo. O mexicano dançou uma dança macabra, praticamente grudado ao balcão, agitando pernas, braços e a cabeça,

enquanto as balas entravam em sua pele e varavam suas carnes.

Quando o silêncio imperou e a fumaça dissipou-se, eu comecei a me levantar. Sam estava de pé, retirando as cápsulas vazias de seus revólveres e introduzindo novos cartuchos nas câmaras. Olhava os dois homens caídos do outro lado do saloon, onde os curiosos começavam a se juntar.

— Como suspeitou deles? — perguntei, endireitando minha cadeira.

— Cowboys não usam espingardas.

— Foram mandados para matá-lo?

— Talvez sim, talvez não.

— Como assim?

— Juan Delfuego é uma figura muito admirada e venerada por seu povo. Muita gente acha que prestaria um favor a ele me matando. A todo momento encontro com gente assim.

— Não seria mais fácil prendê-los apenas ao invés de matá-los?

— Sim, seria — respondeu ele, secamente, voltando a se sentar.

Serviu o copo com uísque. Levantou-o e levou-o aos lábios. Eu tremia, mas Sam Denver não.

Naquele mesmo momento, em Guzmán, um grupo de homens se encontrava com Juan Delfuego.

— Quando iremos de novo, Juan? — indagou um deles.

— Não tão cedo. Estamos sendo caçados implacavelmente.

— Muita gente está vindo para cá, Juan, pois sabem que aqui tem comida. Em breve não teremos mais como matar-lhes a fome. Vamos ter de roubar outra vez.

— Eu sei. Tenho observado isso e não podemos impedi-los de vir para nós. Só que temos de ter cautela. O Texas está ficando muito perigoso para nós. Aquele homem está se aproximando. Soube que estava indo para El Paso.

— Fala de Sam Denver?

— Sim, o gringo delegado federal. Acho que devemos andar um pouco mais da próxima vez, indo para o Arizona. Soube que há bom gado em Tucson.

— Além disso, há a prata de Silver City. Podemos dividir o bando e atacar em duas frentes de novo.

— Pensei nisso também. Sei que teremos de partir mais cedo desta vez.

Mande o bando ficar pronto. Em um ou dois dias eu direi a data da partida.

Naquela mesma noite, em um rancho nos arredores de Newman, a umas vinte milhas de El Paso, a família Carson se preparava para dormir. Além do casal, havia uma garota de uns dezesseis anos e Todd um rapaz beirando os vinte.

— Todd, vá ver por que os cavalos estão inquietos — ordenou-lhe o pai. — Acho que aqueles coiotes estão por perto de novo. Leve a espingarda.

— Certo, pai! — disse o rapaz, apanhando a arma.

Municiou-a com dois cartuchos de chumbo fino, indicados para atirar em coiotes, pois se espalhavam mais facilmente. Deixou a casa sem fazer um ruído e caminhou rente a cerca na direção do curral. Viu, então, os homens a cavalo, tentando abrir a porteira; iam roubar os cavalos. Ergueu a arma. Pensou que fossem mexicanos. Fez fogo. A carga espalhou-se devastadoramente, derrubando dois deles. Em resposta, os outros dispararam na sua direção.

— Ladrões, pai! — gritou ele, carregando de novo a arma.

O velho surgiu à porta da casa com sua Winchester, disparando na direção dos cavaleiros. O rapaz atirou de novo, acertando o cavalo de um deles, que caiu sobre seu cavaleiro. Os outros desistiram do roubo e se afastaram a galope. O rapaz e o pai ficaram imóveis por algum tempo, observando apenas.

— Socorro! Alguém me ajude! — gritou o homem que ficara preso sob o cavalo.

— Tudo bem com você, Todd? — perguntou-lhe o pai.

— Sim, estou bem. Acho que um deles ficou preso debaixo do cavalo.

— E os outros?

— São mexicanos?

— Acho que sim.

— Consegue vê-lo?

— Sim, está perto da porteira.

— Cubra-me, então!

O velho se aproximou cautelosamente com sua Winchester em punho. Todd fez o mesmo. O mexicano gemia com a perna quebrada debaixo do corpo do cavalo morto.

— O que vamos fazer com ele, pai?

— Vamos levá-lo para a cidade, filho.

Mande sua irmã e sua mãe prepararem a carroça.

O rapaz foi fazer o que o pai mandara. O velho abaixou-se ao lado do homem ferido. Era jovem, pouco mais do que um menino, mas com uma expressão madura no rosto sem barba.

— Ajude-me! — insistiu o garoto.

— Já vou ajudá-lo, seu bastardo! — respondeu o velho, esmurrando-lhe o rosto.

Todd chegou em seguida.

— Ajude-me a tirá-lo daqui. Vou erguer o cavalo e você o puxa.

Com um pouco de esforço conseguiram tirá-lo dali. Sua perna estava torcida grotescamente e ele gritou de dor, quando Todd o arrastou até a cerca, onde o apoiou. As mulheres chegaram logo depois com a carroça. O mexicano foi posto sobre ela. Todd o vigiava, enquanto o velho conduzia a carroça. Por precaução, levava a filha e a esposa junto. Não era prudente deixá-las ali.

Era madrugada, quando chegaram a El Paso. Um assistente tratou de chamar o xerife, que mandou alguém ao hotel acordar

Sam Denver. Eu sempre tive o sono leve, percebi a movimentação no hotel e fui olhar pela janela. Vi a carroça e o ferido sendo descarregado. Sam Denver foi para lá logo em seguida. Mudei de roupas e fui para lá também.

Quando entrei, Sam conversava com o velho Carson e seu filho que davam detalhes sobre o ataque que haviam sofrido.

— O que houve? — indaguei, intrometendo-me.

— Tentaram atacar o rancho deles esta noite. Mataram dois e pegaram um deles ferido. Está ali, com a perna quebrada.

Fui até a cela onde estava o rapaz. Vestia-se de modo diferente. Suas calças de couro tinham ricos detalhes em prata. Seu cinto exibia enfeites do mesmo metal. A bota tinha biqueiras reforçadas e reluzentes. Percebi que não se tratava de um bandoleiro comum. Quando Sam se aproximou, notei que ele observara isso também.

— Como é seu nome? — perguntou ele.

— Pedro.

— Sabe quem sou eu?

— Não.

— Sam Denver.

Os olhos do garoto brilharam de ódio e respeito.

— Estava com Juan Delfuego?

— Não, ele já está no México. Só íamos roubar alguns cavalos e depois fugir para lá também.

Os olhos de Sam estavam fixos numa cicatriz que o rapaz tinha no pulso direito, como um corte feito por faca. Aquilo parecia ter um significado especial para ele.

CAPÍTULO 5

Sam pediu que o xerife e os outros o deixassem com o prisioneiro, como costumavam fazer. Fez-me um sinal para que ficasse e eu me preparei para ver nova cena de sangue e violência, como a de Pedro Molina. Quando todos saíram, Sam foi fechar a cela do prisioneiro. Depois puxou uma cadeira e se sentou diante da grade, olhando fixamente para o garoto lá dentro. Cheio de arrogância, o mexicano deitou-se no catre, sem um gemido que fosse e ignorando a perna quebrada. Ficou olhando para o teto. Estranhei tudo aquilo.

— O que há de especial nesse garoto? — indaguei ao delegado federal.

— É minha maior captura desde que estou atrás do bando de Juan Delfuego.

— Por quê?

— Porque esse aí é Pedro Delfuego, irmão de Juan.

Encostei-me à grade para olhar de novo. O rapaz parecia mesmo um tipo especial com aquela roupa cheia de prata e aquele olhar arrogante e superior.

— E agora, o que vai fazer com ele?

Sam pensou por instantes.

— As coisas estão começando a acontecer, Léger. Primeiro, descubro onde o vagabundo se esconde entre suas pilhagens. Segundo, capturo nada mais nada menos que o próprio irmão dessa linhagem de víboras que o Criador, por distração, pôs na Terra para nos atormentar.

— E isso é bom?

— Estou começando a me sentir com a faca e o queijo na mão, jornalista. Pode começar a escrever sua história. Sam Denver vai pôr suas garras nos colarinhos de Juan Delfuego e retirar sua maldita pele.

— Tem um plano? Qual é ele? — insisti, aproximando-me dele, que continuava olhando para Pedro Delfuego.

— Tenho duas opções. A primeira é ir para Guzmán e arrebentar aquela porcaria. A outra é preparar uma armadilha para Juan. Quando ele souber que o irmão está preso, virá como um louco para cima de mim.

— Juan jamais atacaria El Paso.

— Sei que não, mas o faria se soubesse que estaremos levando seu irmão para outra cidade. Uma cidade pequena, onde ele poderia invadir e nós poderíamos esperá-lo.

Uma cidade como Las Cruces, por exemplo — ponderou ele pensativo.

Pedro levantou-se do catre e foi saltitando até a grade.

— Ei, quando vou ter um médico para ver minha perna — gritou com arrogância.

— Ah, quer um médico? — perguntou Sam, levantando-se.

Aproximou-se da grade como se fosse examinar a perna do garoto. Ao invés disso, chutou-a simplesmente, fazendo-o urrar de dor e cair no piso da cela.

— Só abra a boca quando eu lhe mandar, seu bastardo filho da mãe. — gritou Sam.

— Meu irmão vai matá-lo — respondeu Pedro.

Possesso, Sam abriu a cela e entrou. Chutou repetidas vezes a perna do rapaz, que rolava no piso, tentando escapar ao ataque brutal e violento.

— Nunca mais abra a boca sem eu lhe mandar. Entendeu? — gritou Sam.

O rapaz encolheu-se num canto da cela, abraçado à perna quebrada, choramingando. Havia perdido toda a pose. A dor deveria ser atroz. Sam foi até a parede atrás da escrivaninha do xerife.

Ficou olhando um mapa da região, analisando-o.

— El Paso e Guzmán... Rio Grande...

Quer fazer uma viagem, Léger.

— Viagem? Para onde?

— Para Guzmán.

— Quantos seremos?

— Apenas nós dois.

— Está louco. É o ninho da cobra lá e você quer que eu o acompanhe sozinho?

— Seria desmoralizador para Juan.

— Seria morte certa para nós — corrigi-o.

— Engana-se. Não vamos encontrar bandoleiros lá, Apenas veremos lavradores e camponeses humildes e assustados.

— E o bando?

— Eles são o bando, mas se comportam de modo diferente quando estão no México. Dispersam-se. Preocupam-se com as famílias. Despem-se de todas as características de bandoleiros impiedosos e se transformam em pacatos homens de família.

— Acredita mesmo nisso?

— Foi assim em Hermosillo, quando peguei o bando de Concho Guerrero.

— Em território mexicano?

— Sim. Cheguei antes que o bando retornasse e me escondi numa casa, na praça principal onde eles se agrupavam quando voltavam dos ataques.

Sentei-me na cadeira do xerife e comecei a tomar notas. Sam caminhava de um lado para outro, enquanto falava. Todo o tempo ele mantinha o olhar fixo em Pedro Delfuego, agora apenas um assustado garoto encolhido num canto da cela, morrendo de dores no corpo e na perna quebrada. Sam pouco se importava se o rapaz ficasse ou não aleijado, acho que já havia até pensado na forma de matá-lo.

— Eles chegaram pouco depois da meia-noite, trazendo gado roubado, cavalos e duas ou três carroças com comida. Concho usava um sabre militar e uma jaqueta do Exército Americano. Seu cavalo, assim como o de Juan, tinha um arreio cheio de detalhes em prata. Era fácil identificá-lo no meio dos outros. Da janela da casa eu apontei e disparei. Devo ter arrancado a cabeça dele com o disparo, pois seu chapéu saiu voando sozinho no ar, enquanto o corpo era arremessado fora da cela.

— E os outros?

— Ficaram imóveis e em silêncio, olhando o corpo no chão. Benzeram-se. As pessoas começaram a sair das casas, rodeando o defunto. Jogaram um poncho sobre ele. Os cavaleiros começaram a se afastar lentamente. Estava acabado o bando de Concho Guerreiro.

Fiquei imaginando toda aquela cena, mas tinha comigo que fora um puro golpe de sorte. A reação normal daqueles homens teria sido crivarem a casa onde ele estava de bala.

— Não acredita? Pergunte a ele — falou Sam, apontando o garoto na cela.

Olhei na direção dele. Pelo seu olhar percebi que ele nada falaria, a menos que Sam autorizasse.

Bateram na porta. Sam foi atender. Era o médico, mandado pelo xerife. Sam hesitou por instantes, depois o deixou entrar.

— Conserte a perna dele, doutor. Vou precisar dele inteirinho — pediu.

Seis homens estavam acampados próximo de El Paso e, apesar de ser madrugada, não haviam montado

acampamento. Simplesmente haviam se reunido num círculo sob o luar.

— Juan nos matará se deixarmos Pedro para trás — disse um deles.

— Pedro está morto. Eu o vi cair junto com o cavalo.

— Se foi assim, precisamos resgatar o corpo. Não podemos voltar de mãos vazias, principalmente porque Juan não permitiu que saíssemos daquela forma. Pedro sempre foi teimoso e veja no que deu. Devíamos ter contado tudo a Juan e não tê-lo seguido como um bando de burros.

— Isso não vai adiantar nada agora. Temos de consertar a burrada que fizemos. A primeira providência é retornar àquele rancho e destruir tudo, resgatando o corpo de Pedro. Só assim poderemos nos apresentar diante de Juan.

— O que vocês acham?

— Manuel tem razão. Não pode ser de outra forma.

— Então vamos voltar lá.

Sam começou a desenvolver seu plano ainda de madrugada. O rapaz teve sua perna tratada e imobilizada. Sam o levou para uma carroça nos fundos da cadeia e sumiu.

Quando retornou, já amanhecia. Foi direto para o hotel. Eu o esperava.

— E daí? — indaguei.

— Está feito — respondeu ele, secamente, indo para o refeitório.

Eu o segui. Sam apanhou uma caneca de café depois foi se sentar a umas das mesas. Fiz o mesmo.

— Você o matou? — indaguei.

Sam me olhou nos olhos, depois olhou ao redor.

— É meu trunfo para pegar Juan, mas para todos os efeitos, ele está morto e jogado num formigueiro. Torturei-o por mais de duas horas. Arranquei-lhe a pele, cortei-lhe as orelhas e, quando ele falou o que eu queria, cortei-lhe a língua e enfiei-a dentro de sua própria boca.

— Tudo isso?

— Sim, depois eu o retalhei e o joguei sobre um formigueiro para que sobrassem apenas os ossos para alimentar os coiotes.

— Isso é o que todos saberão. Mas onde está Pedro realmente?

— Sendo vigiado por um amigo meu, próximo daqui. Só posso dizer isso. Se você for pego e torturado pelos mexicanos, não

poderá dizer a eles o que não sabe — informou-me o delegado.

Fiquei olhando para ele, sentindo engulhos com sua frieza e com a lógica de tudo aquilo. Pelo sim, pelo não, o melhor era não dar chance aos mexicanos, ficando longe deles o máximo possível.

— Estive do outro lado do rio também — informou-me ele.

— No México?

— Sim. Há uma patrulha dos Rurales caçando bandoleiros e estão acampados próximo daqui. Parece-me que está havendo uma ação enérgica do nosso Congresso junto ao Governo Mexicano. Não confio muito no trabalho dos Rurales, mas já é alguma coisa. Estive lá e combinamos uma ação conjunta.

— Ação conjunta? Contou-lhes que tinha capturado Pedro?

— Não, mas trouxe o cinto e as botas dele em meu alforje.

— Para quê?

— Você verá. Quer nos acompanhar até Guzmán?

Considerando que eu tinha um trabalho a fazer, estaria com uma patrulha de Rurales

e com Sam, aceitei, apesar de saber que iríamos entrar no meio de um vespeiro.

— Quando vamos partir?

— Daqui a meia hora, não mais.

— E você? Não vai ao menos dormir um pouco?

Ele sorriu e levou a caneca de café aos lábios. Não parecia cansado. Talvez a emoção da caçada o deixasse tão aceso. A vitalidade daquele homem me surpreendeu.

A família Carson retornou ao rancho juntamente com o xerife e uma patrulha. Enterraram dois mexicanos mortos, depois tentaram encontrar alguma pista.

— E inútil, Carson — decidiu o xerife, pouco depois do almoço.

Os homens estavam cansados de andar ao redor do rancho inutilmente. A dona da casa fizera um guisado e todos comeram com vontade.

— A esta hora eles já devem estar no México. Vocês os puseram para correr — afirmou o homem da lei e todos riram. Em breve saberão que Sam Denver está em El Paso e correrão como lebres. De qualquer forma, fique alerta. Se perceber alguma

coisa errada, não hesite em correr para a cidade.

— Faremos isso, xerife — concordou o proprietário.

Os homens se aprontaram e partiram logo depois. O rancheiro retornou ao trabalho normal. O xerife e os homens da patrulha seguiram, sem pressa, preguiçosamente, na tarde quente.

— O que Sam Denver terá feito com aquele mexicano, xerife? — quis saber um dos homens.

— Ainda não sei, mas não gostaria de estar na pele dele. Sam não perdoa.

— Dizem que ele consegue esfolar um homem sem matá-lo, é verdade isso?

Riram e conversaram, enquanto avançavam na direção da cidade. Ao chegarem ao alto de uma colina após meia hora ou mais de cavalgada, um dos homens olhou para trás.

— Ei, xerife! O que será aquela fumaça? — indagou.

Os outros pararam e se voltaram em suas selas para olhar para trás.

— Não sei... Onde é aquilo? — questionou o homem da lei, intrigado, com um péssimo pressentimento dentro dele.

— Parece na direção do Rancho Carson? — disse alguém.

— Tanta fumaça assim? Só se estivessem queimando a casa — brincou um dos homens, rindo em seguida.

Todos olharam para ele, que ficou sério, percebendo o que dissera.

— Será? — balbuciou ele.

— Demônios! — berrou o xerife, fazendo a volta e esporeando seu cavalo.

Em desespero, os outros o seguiram, galopando velozmente na direção da sede do rancho. A fumaça aumentava cada vez mais. Não estavam queimando apenas a casa, mas o celeiro e a plantação de milho. Ninguém sabia dizer como nem onde os mexicanos haviam conseguido se esconder até a saída deles. Cada um daqueles homens se sentia culpado pelo que estava acontecendo. Estiveram lá, próximos dos bandoleiros e não os perceberam, não anteciparam a tragédia.

Todos torciam para que estivessem enganados, mas suas piores previsões se confirmaram, quando foram se aproximando. A plantação toda ardia. A casa e o celeiro já haviam desabado. O gado

que estava no curral tinha sido morto impiedosamente.

— Lá, perto do carvalho, xerife — apontou alguém.

Foram até lá. A família estava morta. Todos haviam sido degolados. As mulheres tinham sido despidas. Seus seios foram cortados. Estacas de madeira atravessavam seus ventres. Alguns homens vomitaram. Outros começaram a chorar.

— Maldição! — praguejou o xerife, olhando ao seu redor.

Não havia nenhuma pista, nenhum traço de poeira, nada que indicasse a direção do bando. Apenas a tragédia consumada. Ficaram lá, sem reação. Jogaram mantas sobre os corpos das mulheres. Outros apanharam pás e começaram a abrir sepulturas.

— Que o diabo leve a alma desses malditos todos — gritou o xerife. — Que Sam Denver acabe com todos eles.

Enquanto eles lamentavam e enterravam os mortos, o bando retornava para o México. Descobriram que Pedro estava preso na cadeia de El Paso, nas mãos de Sam Denver. Fora a última coisa que o velho Carson dissera, antes de perder a

cabeça. Confiavam que Juan Delfuego faria alguma coisa em relação ao irmão. Um deles havia ficado para verificar na cidade o que acontecera com o rapaz. Sabiam que qualquer mexicano que caísse nas garras de Sam era um homem morto, mas tinham de confirmar isso. Juan gostaria de saber. Se o rapaz, por outro lado, estivesse vivo, então seria o inferno, pois fatalmente ele iria ao encontro de Sam Denver em El Paso. Aí as coisas realmente ficariam quentes.

CAPÍTULO 6

A patrulha seguia preguiçosamente sob o sol do México para exasperação de Sam Denver. O bando de mexicanos que retornava pôde evitá-la e seguir na frente, chegando a Guzmán a tempo de alertar os bandoleiros. As armas estavam escondidas, Os cavalos haviam sido espalhados pelas *haciendas* das redondezas. Quando chegasse o momento de um novo ataque, tudo seria agrupado de novo. Os homens foram à procura de Juan para dar-lhe a notícia do irmão.

— Pensamos que ele estivesse morto, mas apenas quebrou a perna. O pessoal do rancho o levou para a cidade — informou um dos bandoleiros.

— Sam Denver está lá — avisou outro.

Juan não se alterou. Continuou pensativo. O bando estava reunido com ele na pequena igreja da cidade. A patrulha ainda demoraria pelo menos umas duas horas para chegar.

— O que devemos fazer, Juan?

— Espalhem-se, escondam-se. Aguardem meu sinal. Quando os Rurales forem embora, eu os chamarei.

— Não será tarde? Sam Denver poderá matá-lo.

Juan levantou os olhos para o altar.

— O gringo não matará Pedro — afirmou e havia convicção em sua voz.

— Como pode afirmar isso?

— Ele descobrirá que Pedro é meu irmão. Vai poupá-lo. Com certeza vai usá-lo como isca para me pegar. Agora vão! A patrulha não vai demorar a chegar. Não quero problemas com eles.

— Manuel foi para El Paso tentar descobrir o paradeiro de Pedro. Deve chegar logo também.

— Bom! — disse o caudilho, fazendo um sinal para que os homens saíssem.

Sam e eu nos distanciamos um pouco da patrulha, adiantando-nos em relação a ela. O delegado estava furioso. Naquele passo, todos os bandos teriam tempo mais do que suficiente para se esconder.

— Há uma meia hora, você viu a nuvem de poeira naquela direção? — perguntou-me ele. — Com certeza era um bando retornando dos Estados Unidos. Pela direção de onde vieram e para onde iam, eram homens de Juan, talvez até o bando

que assaltou o rancho e deixou Pedro para trás.

— Vão chegar à nossa frente. Com certeza irão alertar os membros do bando...

— Não veremos bandoleiros por lá, Léger. Apenas camponeses, mas observe como eles estão bem alimentados, apesar da miséria e da seca que se vê por aqui. Se houver uma cantina, vá até lá e poderá comer um bife de carne de boi americano e tomar um legítimo uísque.

— Roubo?

— Sim, eles não produzem isso por aqui.

Sam parou um pouco para se voltar e olhar a patrulha. Parecia andar mais devagar ainda, à medida que se aproximava da cidadezinha.

— Pelo menos Juan saberá de nossa presença — afirmou ele, depois continuou cavalgando.

Eu pensava em algo que vira na cadeia, naquela madrugada.

— Como você reconheceu o irmão de Juan? — indaguei.

— Foi uma história que ouvi há algum tempo, quando comecei a perseguir o bando dele. Contaram-me que alguém, um dia,

ofendeu Juan, que não se defendeu. O outro apanhou um facão e disse que iria cortar-lhe a língua, pois ele nada dizia. Quando avançou, Pedro, o irmão de Juan, se intrometeu. Na briga ele teve o pulso direito cortado. Mesmo assim ele tomou o facão do outro e abriu-lhe a barriga de lado a lado.

Achei estranha a história. Por que alguém como Juan se deixaria humilhar daquela forma, sem revidar? Perguntei isso a Sam. Ele ficou pensativo, remoendo uma resposta que não saía. Olhou-me demonstrando curiosidade.

— Não havia pensado nesse detalhe ainda. Pode imaginar isso?

— É, parece-me muito estranha essa história.

— Mas o pulso do rapaz está lá, com a cicatriz e através dela eu o reconheci. Penso que a história seja verdadeira ou ligeiramente diferente da versão que me contaram.

— Pode ser — concordei.

Aproximávamo-nos de Guzmán. Já podíamos ver ao longe a fumaça nas chaminés das casas, que se confundiam ainda com a paisagem.

— Olhe como cozinham! — observou Sam. — Com certeza estão defumando a carne que nos roubaram.

— Não vejo nenhuma movimentação — observei.

— Quem tinha de se esconder já se escondeu. Mas não importa. Interessa que Juan irá receber meu recado — disse ele, batendo a mão no alforje da sela.

Um dos homens da patrulha se apressou, vindo nos informar que o comandante pedia que esperássemos. Sam concordou com um sorriso. Esperamos que eles nos alcançassem. A patrulha se repartiu em duas colunas, que cercariam a cidade. Um grupo entraria pela frente. Sam e eu estaríamos entre seus membros. Os mexicanos não pareciam muito interessados em se apressar. Eu não havia desconfiado ainda, mas Sam parecia saber o motivo. Fomos nos aproximando. As colunas fizeram um movimento de pinça em torno da cidade, fechando-a. Nós entramos pela rua principal e fomos parar no centro da praça. A população se manteve fechada em suas casas. Um aroma delicioso de comida pairava no ar. Estranhei. Sam sorriu, quando me viu cheirando o ar.

— O que foi? — indaguei-lhe.

— Percebe a razão do atraso?

— Não entendi.

— A patrulha queria chegar aqui quando a comida estivesse pronta. Não vão prender ninguém. Apenas comerão a comida deles e levarão o que já está preparado para eles levarem. É assim que funcionam as coisas por aqui.

O comandante da patrulha gritava ordens como se estivesse no meio de uma importante operação militar. Alheio a isso, Sam cavalgou até uma cruz que havia no centro da praça. Parou ao lado dela. Abriu seu alforje. Retirou as botas de Pedro e o cinto. As pontas do cinto estavam presas a cada uma das botas. Sam se pôs em pé na sela do cavalo, apoiou-se na cruz e enroscou o cinto e as botas no alto de um dos braços.

Desceu para a sela e ficou olhando ao redor. Um rangido o fez se voltar na direção da igreja. A pesada porta se abria e o padre, ainda jovem, vestindo uma batina tradicional amarrada na cintura por um cordão branco de cujas pontas pendia um crucifixo, caminhou na direção dele.

Parou sob a cruz e olhou para cima. Depois voltou seus olhos mansos na direção de Sam.

— Por que isso? — indagou.

— É um recado, padre.

— Para alguém em especial?

— Para Juan Delfuego.

O padre voltou a olhar as botas e o cinto presos na cruz.

— Estranho recado.

— Juan entenderá.

— Se estivesse aqui.

— Pode apostar nisso, padre? — perguntou-lhe Sam, encarando-o.

O padre sustentou o olhar num mudo duelo de vontades. Os soldados começavam a invadir as casas para apanhar sua parte nos saques. Um deles retornou trazendo alguma coisa embrulhada num pano que entregou ao comandante. Ele abriu rapidamente o pacote, sorriu satisfeito, depois voltou a embrulhá-lo e guardá-lo no bolso da jaqueta. Sam havia desmontado e se aproximado do padre. Acompanhei seus movimentos com curiosidade.

— Quando ele passou por aqui? — indagou Sam.

O padre sorriu e balançou a cabeça de um lado para outro, numa negativa.

— Sabe quem eu sou, padre?

— Um filho de Deus! — respondeu o padre e havia ironia em seu tom de voz.

Sam riu.

— Errado! Sou filho do pior demônio que já passou por esta terra amaldiçoada, padre. E vou pegar aquele demônio, filho de uma víbora, chamado Juan Delfuego, porque nesta terra só pode haver um demônio, entendeu?

— Tenho pena de sua alma, filho!

— Não sou seu filho, padre. Seus filhos são aqueles assassinos que estão invadindo meu país, roubando, matando mulheres e crianças e a destruindo como um flagelo do inferno.

— Vou me lembrar de você em minhas orações desta noite — falou o padre, com voz mansa.

Sam riu de novo de modo sarcástico.

— Não se esqueça de incluir em suas orações o bastardo dono daquelas botas e daquele cinto. Seu nome era Pedro Delfuego, como se você não soubesse, padre. Esse era o nome dele, porque agora

ele é pasto de formiga — falou Sam, encarando o padre, que o olhava fixamente.

— O ódio e o rancor corroem seu coração, gringo.

— Sim, padre, corroem mesmo, deixando-me amargurado e cruel sem um pingo de paciência com bandoleiros. Não posso ter um deles em minhas mãos que só desejo estripá-lo como fiz com o dono dessas botas. Diga isso a Juan. Diga que tive prazer em torturar e matar o irmão dele e que terei um prazer ainda maior quando o pegar pela frente e o matar com minhas próprias mãos. Estou ansioso para pisar na cabeça daquela víbora maldita e esmagá-la.

O padre estava lívido e imóvel, controlando-se diante das palavras sibilantes de Sam Denver, que destilou todo seu ódio no recado a Juan. Virou as costas e montou seu cavalo. Os soldados começavam a sair das casas trazendo embrulhos, que enfiavam nos alforjes das selas. Mulheres e crianças começaram a surgir nas portas e janelas. O comandante se aproximou de nós.

— Bem, senhor delegado federal! Estamos partindo. Meus homens revistaram

as casas. Nada encontraram de anormal — informou o militar.

— Certo, tenente. *Hasta la vista!*

— *Hasta la vista!* — respondeu o militar e foi para frente de seus comandados.

Encarei Sam com apreensão. Ele não parecia preocupado, no entanto, ao perder a proteção dos militares mexicanos. Cavalgamos na direção da saída da cidade. A patrulha foi embora pelo outro extremo.

— Está certo que você é maluco, mas eu ainda não estou. Por que não me avisou que a patrulha continuaria e que nós voltaríamos sozinhos?

— Se eu tivesse avisado, você não viria — riu ele, esporeando seu cavalo.

— E se eles vierem em nosso encalço? — quis eu saber, apavorado com essa perspectiva.

— Veremos a poeira — respondeu ele, tranquilamente.

Prestei atenção ao detalhe. Naquela planície imensa, com um relevo muito regular, veríamos qualquer um que quisesse se aproximar de nós. Isso me tranquilizou, mas mantive os olhos alertas o tempo todo enquanto retornávamos a El Paso.

Assim que a patrulha se perdeu na distância, o sino da igreja começou a tocar. Batia três vezes, depois fazia uma pausa. Em seguida voltava a dar três badaladas. Era o sinal para o bando de Juan Delfuego. Quando anoiteceu, começaram a chegar à cidade, vindos de todas as partes da região. Traziam cavalos e armas em quantidade. Concentravam-se diante da cantina, ao lado da igreja, na praça. Os lampiões foram acesos, iluminando o local, da mesma forma como haviam iluminado outras casas no Texas, Novo México e Arizona. As novidades se espalharam com rapidez. Juan estava preocupado com o irmão, que fora capturado por Sam Denver. Ninguém sabia o que ele pretendia fazer.

Finalmente ele apareceu, com suas esporas tinindo, o cinturão enfeitado com detalhes em prata, as bandoleiras cruzando o peito e o facão pendurado no quadril. O silêncio se fez na cantina. Juan foi até o balcão. Tirou seu sombrero e encarou cada um dos homens ali dentro com seu olhar frio.

— O gringo Sam Denver capturou meu irmão. Veio aqui hoje com os Rurales e nos

ofendeu, humilhando-nos com sua presença. Trouxe as botas e o cinto de Pedro para provar que o matara, mas sei que não o fez. Pedro ainda está vivo.

— Como pegaram o Pedro, Juan? — perguntou alguém.

O mexicano respirou fundo e seu olhar se fixou num grupo de homens a um canto. Caminhou na direção deles.

— Dei-lhes uma ordem e você não a cumpriram. Por causa disso, dois dos nossos estão mortos e Pedro está nas mãos de nosso pior inimigo.

— Pedro não quis nos ouvir, Juan. Insistimos. Ele partiria sozinho. Achamos melhor segui-lo para protegê-lo.

— Grande proteção! Por enquanto vocês estão perdoados, mas se alguma coisa acontecer a Pedro, eu mato pessoalmente cada um de vocês — ameaçou ele, voltando para o balcão.

Os homens esperavam com interesse sua decisão.

— Não deveríamos voltar a atacar, mas vai ser preciso. Precisamos mandar espões a El Paso para descobrir o paradeiro de Pedro. Ao mesmo tempo, temos de

encontrar um jeito de forçar Sam Denver a negociar conosco.

— Podíamos pegar alguns reféns — sugeriu alguém.

— Sim, pensei nisso. Alguém tem uma ideia a respeito?

— Juan, tem uma família que mora num rancho ao sul de Anthony. O casal tem cinco filhas de todas as idades. Imagino que as cinco valeriam a vida de Pedro, não concorda?

— Bem pensado, Chico. Pegue uns dez homens e vá fazer isso. Traga as garotas para nosso lado e esconda-as em Zaragoza, próximo de El Paso. Quero um grupo atacando ao norte de El Paso. Devem apenas queimar as colheitas e mais nada.

— Para que isso, Juan?

— Apenas para chamar a atenção deles e assustá-los. Mandarão patrulhas. Diminuirão as defesas da cidade.

— Vamos invadir El Paso?

— Não vai ser preciso. Sam vai trocar Pedro pelas garotas. Assim que meu irmão estiver a salvo, transformaremos aquela cidade num inferno. Esperaremos que todos adormeçam. Na madrugada incendiaremos tudo.

Os homens vibraram com a ideia. Juan sorria, observando-os. Dera-lhes unidade, dera-lhes orgulho próprio e os tornara guerreiros. Já não eram mais capachos de governantes. Tinham alma e espírito guerreiro. Já não rastejavam mais por um pedaço de comida. Tudo isso, no entanto, tivera um preço. Suas almas já estavam condenadas ao fogo do inferno.

CAPÍTULO 7

O que aconteceu a partir daquela noite foi um jogo de astúcia, uma brincadeira de caça ao rato, com Juan de um lado e Sam do outro, encenando ações para atingirem seus objetivos. Após tanto tempo perseguindo Juan, Sam sabia que o bandido estava pronto para sua jogada final. Tudo dependeria de como ele soubesse conduzir-se dali para frente.

A maior parte do tempo, quando voltamos de Guzmán, Sam vinha pensando, olhando a região, sondando o terreno. Não se preocupou tanto em ficar atento a uma possível perseguição dos bandoleiros, mas apenas em analisar possibilidades. Quando chegamos à cidade, já anoitecia. Pensei que ele fosse para o hotel descansar, mas Sam tinha todo o plano elaborado em sua cabeça.

— Se não quer perder o fio da meada, jornalista, siga-me e fique atento — disse ele, deixando o cavalo diante do hotel e rumando para a cadeia.

Fiz o mesmo. Assim que entramos, Sam se sentou diante do xerife, após ter olhado de relance um mapa na parede.

— Quais são os pontos onde se pode atravessar o Rio Grande a cavalo e com pressa? — indagou ao xerife.

O homem da lei estranhou inicialmente a pergunta, mas, vinda de Sam Denver, nada era surpreendente.

— Aqui em El Paso ou ao norte, a meio caminho de Anthony. Fora disso, o rio é largo e profundo.

— E ao sul?

— Em Zaragoza e em La Isla.

— Mostre-me isso no mapa — pediu Sam.

Nós três fomos até a parede. O xerife mostrou no mapa a localização de El Paso, na confluência dos Estados do Texas e do Novo México com o próprio México. Subiu o dedo indicador, deslizando-o sobre o papel, para mostrar a localização de Anthony.

— Aqui, a meio caminho de Anthony fica a passagem do rio.

Depois deslizou o dedo para baixo, passou sobre El Paso e parou um pouco abaixo.

— Aqui está Zaragoza e, um pouco mais abaixo, La Isla, duas cidades mexicanas. Vilarejos, pode-se dizer.

Sam examinou detidamente aqueles pontos do mapa. Tentei imaginar qual seria sua linha de raciocínio, mas não conseguia. Não tinha o conhecimento nem a experiência dele.

— Quantas patrulhas pode formar de imediato, xerife? — indagou ao homem da lei.

— Uns trinta homens, depende da necessidade... Podemos dividi-lo em duas ou três patrulhas...

— Duas patrulhas de quinze homens, então.

— O que está havendo afinal, delegado? — quis ele saber e eu também.

Fiquei ao lado de Sam, esperando suas explicações. Ele apontou no mapa.

— Em algum ponto a oeste de El Paso, Juan vai atacar. Ou aqui ou no sul da cidade. Por isso precisamos vigiar as duas passagens do rio.

— Sem problemas, Sam. Para quando quer isso?

— Para já. Acho que Juan Delfuego vai ter que fazer sua jogada. Foi desmoralizado em sua própria cidade. Já sabe do irmão. Vai querer ir à forra.

— Você matou mesmo o irmão dele?

Sam não respondeu. Olhou de novo para o mapa.

— Se reunir os homens, xerife, eu gostaria de falar com eles antes de partirem — falou Sam, sem desviar os olhos do mapa.

Um bando de dez homens sob as ordens de Juan Delfuego deixou Guzmán ao anoitecer e subiu na direção de Palomas, quase na fronteira com o Novo México. Desviaram-se da cidade e atravessaram a fronteira, continuando na direção de Anthony, à caça do rancho onde pretendiam sequestrar as garotas para servirem como reféns para trocá-las por Pedro.

Juan Delfuego e o restante do bando rumaram para Zaragoza, à espera das ações do primeiro bando. Um homem foi mandado à cidade de El Paso para tentar descobrir o paradeiro de Pedro.

O primeiro bando era comandado por Rafael Mojada, um experiente bandoleiro que conhecia muito bem toda aquela região. A noite não o perturbou. A planície se abria diante deles e só a algumas milhas à frente o terreno se tornaria mais irregular, mas aí já estariam próximos do rancho que

pretendiam atacar. A lua surgia quando chegaram. Do alto de uma colina, examinaram a situação. Havia luz nas janelas da casa lá embaixo. Fumaça saía da chaminé. Tudo parecia tranquilo e fácil.

— Ei, Rafael, vai ser fácil demais, não? — comentou um dos homens.

— Espero que sim. Juan confia em nosso trabalho. Precisamos pegar as garotas e levá-las o mais depressa possível. Por isso, enquanto alguns de nós entram na casa, os outros tratem de ir selar os cavalos, estão entendidos?

— Sim, Rafael. Adolfo e eu iremos selar os cavalos, pode ser?

— Sim. Vamos terminar logo com isso. Não quero me demorar demais por aqui — decidiu Rafael. — Lembrem-se, só queremos vivas as garotas. O resto deve morrer.

O bando começou a descer a colina sem muito alarde. Os cachorros começaram a latir, mas ninguém saiu à porta ou à janela na casa. Rafael e seus homens não perceberam isso. Entraram no pátio do rancho. Dois homens foram direto para o estábulo. Os outros foram para a casa. Rafael desmontou com seus homens.

Ouviram tiros e os cavalos de Adolfo e seu amigo dispararam, vindos do celeiro sem seus cavaleiros. Só então o mexicano atentou para o fato de ninguém ter vindo ao encontro deles. Mesmo os cachorros que latiam, estavam presos em algum lugar ali perto. Um grupo de cavaleiros os cercou. Outros vieram do celeiro, empunhando armas.

— É melhor soltarem as armas — ordenou um dos ajudantes do xerife.

As alavancas das Winchester haviam sido acionadas. As armas apontavam para os mexicanos, parados, atônitos diante da casa, pegos facilmente na armadilha. Rafael sabia que suas vidas nada valiam dali em diante. Nas mãos dos americanos eles iriam pagar todos os seus pecados e crimes cometidos. A morte era certa, de qualquer maneira. Rafael decidiu morrer com uma arma na mão.

— Viva Juan Delfuego! — gritou ele, tentando erguer sua escopeta.

A fuzilaria foi intensa. Os mexicanos, muitos deles de mãos erguidas e já desarmados, foram atingidos impiedosamente. Um deles se escondeu atrás de uns troncos, durante o tiroteio, mas

foi descoberto quando a poeira e a fumaça abaixaram.

— Há um deles aqui, Ted! — gritou um dos patrulheiros ao assistente do xerife.

Um laço foi jogado, prendendo o pescoço do mexicano, que foi arrastado para o centro do círculo formado pelos cavaleiros.

— Vamos acabar com ele — disse um deles, jogando o cavalo sobre o homem caído.

Os cascos bateram rijo no corpo do mexicano, que rolou no chão, implorando misericórdia.

— Pare, Ruff! Vamos levar este. Sam Denver vai gostar de bater um papo com ele — decidiu o assistente.

— É, mas só ele vai ficar com toda a diversão!

— Não importa. Sam terá uma boa utilidade para ele. Vamos para El Paso. Acho que não veremos mais mexicanos por aqui por muito tempo — disse o assistente.

— E os defuntos?

— Vamos arrastá-los até o rio e jogá-los lá. Tirem o que têm de valor. Deixem os cavalos para o rancheiro. O resto é nosso — decidiu ele.

Algum tempo mais tarde a patrulha partia na direção de El Paso.

Juan e o resto do bando aguardava em Zaragoza que o bando lhe trouxesse as reféns para serem trocadas por Pedro. Esse mesmo grupo, após sequestrar as garotas, se dividiria. Parte dele iria para Zaragoza, levando as moças, e o restante iria para o norte de El Paso, atacar os ranchos e queimar as colheitas. Para ele tudo estava sob controle. O emissário mandado a El Paso retornou e não trazia boas notícias. Confirmava que Pedro estava morto.

— Não, pode ser! Sam Denver não seria tão estúpido a ponto de ter matado meu irmão — afirmava Juan, não acreditando naquela hipótese.

— Todos com quem falei na cidade contaram isso, Juan. A mesma história na boca de todos eles. Falei com um homem que estava preso e que foi solto hoje à tarde. Disse que além dele não havia mais ninguém lá.

Juan ficou confuso, tentando imaginar o que Sam havia tramado. Não acreditava que ele jogaria fora um de seus trunfos mais preciosos.

— E os homens que foram com Rafael? — indagou.

— Ainda não voltaram, Juan.

Estavam numa cantina enfumaçada em Zaragoza. Os homens aguardavam agora alguma decisão do chefe, que caminhava de um lado para outro, tentando entender a situação. O que Sam Denver queria provocar com aquilo? Matar Pedro não havia sido muito inteligente.

— Gato! — chamou ele.

— Sim, Juan! — apresentou-se um bandoleiro.

— Pegue um grupo de homens, atravesse o rio e ataque o primeiro rancho que encontrar. Mate todos. Coloque-os numa carroça e leve-a até perto da cidade. Uma vez lá, espante os cavalos para que levem a carroça como presente para Sam Denver.

— Certo, Juan — respondeu Gato, fazendo sinal para meia dúzia de homens que o seguiram quando ele saiu.

Juan foi para uma das mesas, sentou-se e ficou imóvel, olhando para a porta e esperando. O bando comandado por Gato deixou a cidade e rumou para o Rio Grande, no ponto onde poderiam fazer a travessia. A

lua já se firmara no céu, jogando claridade generosamente. Gato e seus homens galoparam pelas águas rasas e largas do rio, jogando respingos para o alto.

Mal havia atravessado metade do rio, uma fuzilaria vinda da outra margem os pegou de surpresa. Três deles caíram logo na primeira descarga. Os outros fizeram a volta, mas foram sendo atingidos implacavelmente. Apenas um deles, ferido, conseguiu chegar de volta à margem mexicana.

Rumou para a cidade. O tiroteio havia atraído a atenção dos homens, que haviam deixado a cantina curiosos. O homem ferido veio cavalgando pela rua. Quando freou o cavalo diante da cantina, desabou na poeira.

— É Gomez! — exclamaram eles, erguendo-o e levando-o para a cantina.

Juan os esperava impaciente.

— O que houve?

— Não sei, apenas ele voltou — explicou alguém.

— Gomez! — gritou-lhe Juan, quando o corpo foi posto sobre o balcão.

O homem abriu os olhos num esforço terrível.

— Armadilha, Juan! Estavam a nossa espera...

— Mas como? Por que estariam a nossa espera. A menos que... Maldito Sam Denver! — rugiu Juan, fechando os punhos com força.

Sam Denver havia se antecipado. Com isso, era quase certeza que o bando mandado para Anthony também tivesse sido capturado.

Olhou o que restava do bando. Não mais do que quinze homens. Em outros tempos seria um número suficiente para um ataque devastador. Os tempos haviam mudado, no entanto. Os americanos já não estavam mais tão vulneráveis como no início. Tinha de reconhecer que a vida dos bandoleiros se tornara perigosa, muito perigosa. Só que não iria permitir que Sam Denver ou quem quer que fosse se interpusesse entre seu bando e a única chance de sobrevivência que possuíam.

Com calma e frieza, Sam estendera o braço do prisioneiro, pondo-o junto ao batente da grade. Inesperadamente, empurrou-a violentamente com o pé, batendo-a contra o braço estendido. O ruído

desagradável e o urro de dor do mexicano não deixaram dúvida: o osso havia se partido. O homem caiu de joelhos, segurando o braço contra o peito, enquanto lágrimas de dor desciam pelo seu rosto. Sam o empurrou para o piso e pisou-lhe o braço ferido. Ele se debateu em desespero, esmurrando a perna do delegado, que lhe chutou o queixo, fazendo-o cuspir sangue. Agarrou-o pelo colarinho da camisa e o jogou sobre o catre, lá dentro da cela.

Até então, Sam nada lhe perguntara. Apenas o esmurrara, depois quebrara seu braço, jogando-o no catre depois de tudo. Aproximou-se. O homem encolheu-se todo.

— Onde está Juan Delfuego? — indagou.

— Não entendo! — falou o mexicano.

— Ah, entende sim! — ironizou Sam, dando-lhe um soco no nariz.

— Gringo maldito! — gemeu o mexicano, enquanto o sangue escorria, gotejando sobre suas pernas.

— Se não responder minha pergunta, vou lhe dar outro soco compreendeu? — indagou-lhe Sam.

O mexicano moveu a cabeça, num sinal afirmativo.

— *Bueno!* — comentou Sam. — Onde está Juan?

O mexicano ficou em silêncio, olhando Sam nos olhos.

— Em La Isla? — insistiu Sam.

O mexicano continuou imóvel.

— Em Zaragoza?

Os olhos do mexicano se desviaram para o lado. Sam respirou fundo, afastando-se.

— Juan está em Zaragoza, mais perto do que eu imaginava, mas do outro lado da fronteira.

— Temos gente na passagem do rio — avisou o xerife.

— Bom! Pelo menos por lá ele não vai entrar, mas ele não vai se dar por vencido. Tenho que irritá-lo um pouco mais. Em breve ele estará trocando os pés pelas mãos — comentou Sam.

Voltou à cela. Segurou o mexicano pelo pescoço e o ergueu diante de si.

— Ouça-me, verme. Vou lhe dar um cavalo e vou contrariar meus princípios, deixando-o viver. Vá para Zaragoza e diga a Juan que eu o espero para lhe dar o mesmo que dei ao irmão. Diga a ele que a melhor coisa a fazer é se entregar. Se fizer isso, vai

poupar muitas vidas ainda e apenas ele vai sofrer em minhas mãos — frisou.

Pedi ao xerife que mandasse alguém acompanhar o mexicano até Zaragoza. Naquele momento, um cavaleiro vinha avisar que um bando de mexicanos fora emboscado, tentando atravessar o rio.

— Ótimo! — comentou Sam. — Isso deve estar deixando Juan com a pulga atrás da orelha.

— Não acha que vai espantá-lo com isso? Percebendo que está preta a situação para ele, o melhor a fazer será retornar a sua vila e esperar a situação acalmar — opinei.

— Pelo contrário. Juan é orgulhoso e nunca foi derrotado ainda. Vamos ver que tipo de homem é ele. Se for frio o bastante para raciocinar com calma, fará o que você disse e então será impossível pegá-lo. Mas se ele for o orgulhoso que imagino, vai tentar algo desesperado. Aí eu o pego.

Sam falava com muita convicção. Parecia certo de que pegaria Juan em breve.

CAPÍTULO 8

Sam estava parado diante do mapa na parede, olhando-o, sondando-o, antecipando os movimentos de Juan Delfuego. A noite avançava e eu estava impressionado com a vitalidade daquele homem. Eu me sentia arrebatado depois de toda a movimentação daquele dia. Ele, no entanto, mantinha-se firme e lúcido naquele autêntico jogo de xadrez, onde peões eram sacrificados para proteção do rei.

Aproximei-me dele.

— O que espera que aconteça agora?
— indaguei-lhe.

— Quando Juan receber o emissário que lhe mandei, vai tentar alguma coisa. Alguma coisa grande, desesperada e inesperada — afirmou ele, com convicção.

— Como o quê, por exemplo?

— Algo para ficar na história, para apagar toda a humilhação a que o estou submetendo. Juan atacará El Paso.

— Acha esta uma atitude correta da parte dele?

— Não lhe resta alternativa. Está perdendo homens. Seu bando deve ter agora

uns vinte a vinte e cinco homens no máximo.

— Se atacar El Paso perderá todos eles, não?

— Não, se nos pegar de surpresa. Um incêndio do lado de cá e corremos como bobos para cá. Um incêndio do lado de lá e lá vamos nós outra vez. Enquanto isso, no meio, atiradores matam e barbarizam, estabelecendo a confusão. Então o incêndio em massa.

— É insano! — exclamei.

— Mas é possível. Ele pode trazer gente a pé desde Zaragoza e nos pegar de madrugada. Seria seu maior feito e vingaria o irmão de forma adequada.

Achei que Sam delirava, mas parei e tentei imaginar o que mais Juan poderia fazer. Todas as suas ações haviam sido antecipadas. Havia homens nas passagens do rio, vigiando-as. Ele poderia ir atacar no Arizona, mas isso seria fugir da briga. Sam o havia provocado mesmo. Se a teimosia do mexicano prevalecesse, então Sam, finalmente, teria sua vitória. Sam foi acordar o xerife, que dormia numa das celas. Trouxe-o para a sala, diante do mapa.

— O que foi desta vez? — indagou o homem da lei, sonolento.

— Se eu tivesse de contrabandear algo do México para os Estados Unidos ou vice-versa, que meio usaria?

— Contrabando? Como levar gado, por exemplo?

— Sim, isso mesmo. Não poderia usar as passagens do rio, pois seria óbvia demais. Como eu poderia fazer isso sem esbarrar na lei ou em testemunhas durante o caminho.

Ele esfregou os olhos e olhou no mapa. Pôs o dedo num ponto entre Zaragoza e El Paso.

— Aqui há uma velha balsa. Fica presa no lado mexicano. Quando eles têm que levar algo daqui para lá, atravessam o rio com uma canoa levando o cabo. Prendem-no do nosso lado e fazem a travessia.

— Vai ser aqui! — afirmou Sam. — Juan entrará por aqui, de madrugada. É onde vamos emboscá-lo.

— Tem certeza?

— Sim, vamos levar a patrulha para lá.

O xerife não parecia compartilhar da mesma opinião do delegado.

— Espere um pouco, Sam! Se levarmos todos os homens para lá, vamos

deixar a cidade desguarnecida. E se eles conseguirem passar ao norte e invadirem a cidade?

— Virão por aqui, tenho certeza — insistiu Sam.

— Não posso me arriscar. Tenho responsabilidade e...

— Tudo bem! Juan deve ter agora uns vinte homens, mais ou menos. Dê-me cinco de seus melhores atiradores, de preferência com armas de mira longa, como a minha, para tiros de precisão.

— Está bem! Isso eu posso lhe conseguir.

Sam sorriu, aliviado.

— Tem certeza mesmo que ele virá por lá?

— Quase cem por cento.

— E se estiver errado?

— Ele não irá longe. Tenho um trunfo, lembra-se? — comentou ele, referindo-se a Pedro Delfuego.

— O rapaz está mesmo vivo? — indaguei, desconfiado.

— Claro que sim, Léger. Claro que sim — afirmou ele, sorrindo.

Na cantina, sozinho na mesa, Juan pensava, enquanto os homens espalhados pelo salão bebiam em silêncio, esperando a decisão do chefe. Um dos espiões que mandara havia chegado com o braço quebrado, o queixo arreventado e uma mensagem humilhante para o líder dos bandoleiros. Ele agora pensava numa forma de dar o troco. Sam Denver fora longe demais. Abalara o prestígio do mexicano e isso não poderia ser relevado. Se perdesse o respeito de seus homens, seria um homem morto. Não teria mais a proteção de seu povo e, na primeira oportunidade, seria traído.

Tinha algo em mente. Algo arriscado, arrojado, mas grandioso e capaz de fixar de uma vez por todas o terror naquela região. Sua ideia era atacar El Paso. A questão era definir como fazer isso. As passagens do rio estavam vigiadas, pelo que percebera até então. Fez um sinal, chamando um de seus homens de confiança.

— Bustamante, a velha balsa ainda funciona? — indagou-lhe.

— Creio que sim, chefe, mas não a usamos faz tempo.

— Quanto tempo acha que demoraria ir até lá verificar isso?

— Se a lua estiver clara e nenhuma nuvem cobri-la, acho que posso fazer isso em meia hora.

— Faça isso. Leve alguns homens com você. Se a balsa puder ser usada, estendam o cabo.

— O que pretende fazer, Juanito?

— Vamos atravessar para o lado de lá e atacar El Paso.

Bustamante arregalou os olhos. Primeiro, pela surpresa. Segundo, pelo arrojo da ideia.

— Será lembrado por muito tempo, Juan — disse ele, com respeito, após entender a dimensão do plano.

— Vá, meu amigo. Confio em você — ordenou Juan.

Bustamante e alguns homens partiram logo em seguida. O plano circulou como um rastilho de pólvora. Todos olhavam o chefe com veneração. Atacar El Paso era a coisa mais inesperada que podiam imaginar.

Juan chamou outro de seus homens.

— Santillo, corra a cidade e veja quem quer nos ajudar. Vamos precisar de gente

para entrar sorrateiramente na cidade e atear fogo nela.

— Quantos?

— Quantas casas tem El Paso? — retrucou Juan.

— Muitas — respondeu Santillo.

Juan fez-lhe um sinal com a cabeça. Santillo entendeu. O caudilho se voltou, então, para outro dos bandoleiros.

— Palácio, vá até meu cavalo. Encontrará uma muda de roupa em meu alforje. Quero que a vista. Deixe-me ver seu sombrero.

O homem apanhou-o e o entregou a Juan.

— Precisa de uns enfeites na copa para ficar parecido com o meu. Ainda está com aquele cavalo branco?

— Sim.

— Ótimo! — afirmou, sorrindo enigmaticamente. — Mande León até aqui.

O bandoleiro se afastou. Logo depois outro se aproximou da mesa.

— León, ainda é nosso melhor nadador?

— Sim, chefe.

— Ainda tem aquela faca que lhe dei?

— Sim — disse ele, sacando-a de uma bainha presa no cinturão, a suas costas.

Era uma faca feita com a lâmina de uma espada austríaca, longa, com cabo de osso e afiadíssima.

— Lembra-se daquele ataque perto de Nogales, quando a patrulha americana nos perseguiu?

— Sim, claro — respondeu o outro, com um sorriso de satisfação.

— Você entrou no acampamento deles e degolou uns dez, sem que eles dessem um pio, não foi?

— Sim, doze homens, Juan!

— Tenho uma missão importante para você. Nade pelo do rio, em algum ponto acima ou abaixo da passagem. Depois vá ver quantos homens vigiam-na. Se puder, mate-os todos. Posso contar com você?

— Com certeza, Juan. Quando quer que eu faça isso?

— Agora! Volte o mais depressa possível.

O mexicano cumprimentou-o com reverência e saiu. Pouco depois se ouvia o galope de seu cavalo perdendo-se na noite. Um clima de impaciência e expectativa pairou na cantina. Juan fazia planos de

ataque e, com certeza, surpreenderia os americanos. Isso os fazia se sentir bem novamente.

Bustamante e seus amigos tiveram sorte. A lua se manteve livre num céu sem nuvens, permitindo que galopassem a toda na estrada que margeava o rio. Em pouco tempo chegaram ao ponto onde a balsa ficava presa. Havia um casebre junto ao rio. Um velho surgiu, assim que eles pararam os cavalos.

— Salve, Bustamante! Que se passa, homem? — cumprimentou-o o velho.

Bustamante desmontou e o saudou, batendo-lhe no ombro magro, mas rijo ainda.

— Juan precisa de balsa, velho. Como está ela?

— Firme, basta atravessar o cabo.

— Ainda tem a canoa?

— E como não?

— Pode fazer isso agora?

— Se é um pedido de Juan, terá de ser feito.

— Deixo dois homens para ajudá-lo, é o bastante?

— Sim, claro. O que Juan tem em mente?

— Atacar El Paso.

Os olhos do velho brilharam, refletindo a lua. Um sorriso maroto estampou-se em seu rosto curtido pelo tempo.

— Que Deus o proteja! — benzeu-se o velho.

Bustamante deu algumas ordens rápidas aos homens, depois saltou para seu cavalo e cavalgou de volta para Zaragoza.

León aproximou-se da margem do rio, olhos fixos na outra margem do lado americano. Via uma bruxuleante luz, possivelmente a de uma fogueira, indicando a localização do acampamento da patrulha que vigiava a passagem. Tirou as botas, o cinturão e as bandoleiras que se cruzavam em seu peito. Prendeu a faca no cordão que lhe segurava a calça e mergulhou nas águas mornas do Rio Grande. Nadou, traçando uma perpendicular, deixando que a corrente facilitasse o trabalho de atravessar o rio. Quando chegou à margem americana, tirou a camisa e a calça. Esfregou lama em todo o corpo. Segurou firme a faca em sua mão e esgueirou-se pela vegetação à beira do rio,

caminhando silenciosamente na direção da luz.

Havia cinco homens ali. Quatro dormiam ao redor da fogueira. O quinto estava sentado num tronco, olhando na direção da fronteira. Bocejou. Levantando-se e indo até a fogueira. Agitou o bule de café. Havia acabado. Ele praguejou e caminhou na direção do rio, levando a vasilha consigo. Pretendia apanhar água para fazer um café novo. A noite estava calma e a espera era monótona. Possivelmente os mexicanos jamais voltariam a tentar atravessar o rio naquele ponto.

Encheu o bule. Tinha deixado a espingarda de lado. Quando tateou a relva procurando-a, não a encontrou. Intrigado, virou-se. Atrás dele havia uma sombra. A mão se estendeu, tapando-lhe a boca, enquanto a lâmina deslizava pelo seu pescoço, cortando profundamente. León esperou que ele parasse de tremer, soltando-o lentamente na relva. Empurrou o corpo para a água e, por instantes, observou-o flutuar rio abaixo.

Respirou fundo e voltou, na direção da fogueira. Rastejou até o primeiro homem.

Cobriu-lhe a boca com a mão e cortou-lhe o pescoço rapidamente. Fez o mesmo com o segundo e o terceiro. Quando se aproximava do último, o homem se mexeu. León saltou sobre ele, acordando-o. O americano se debateu e a lâmina cortou-lhe o rosto.

— Bastardo! — gritou ele, apanhando uma pedra e batendo na cabeça de León, que gemeu, caindo para trás.

O americano apanhou seu rifle e começou a engatilhá-lo, olhando aquela sombra feita de lama caída a sua frente, como um pesadelo vivo.

— Morra, gringo! — gritou o mexicano em resposta, arremessando a faca.

O americano interrompeu o movimento de engatilhar o rifle e ficou olhando para a faca enterrada em seu peito. A mancha vermelha se alastrou rapidamente. Ele caiu para trás, sobre a fogueira, com os olhos arregalados.

— Cachorro! — disse León, passando a mão na cabeça e sentindo o sangue que escorria.

Segurou o cabo da faca e pôs o pé no peito do americano. Quando puxou a lâmina, o americano gemeu debilmente.

León moveu a faca com rapidez e a cabeça do outro se separou do corpo.

Palácio entrou no saloon com o chapéu enfeitado e as roupas de Juan Delfuego. Por instantes os outros homens ficaram confusos. Juan começou a rir, deixando-os ainda mais perdidos, sem entender o objetivo daquilo tudo.

— Muito bem, Palácio! Está parecido comigo.

— O que vai fazer, Juan! — indagou o outro, curioso.

Os demais homens cercaram os dois, curiosos para saber quais eram os planos do seu chefe.

— Você vai passar por mim, Palácio. Com isso vamos confundir os americanos.

— Quais são os planos, Juan — insistiu Palácio.

— Eu conto em seguida — falou o bandoleiro.

Naquele momento, Santillo chegava de volta de sua ronda pelo vilarejo.

— Quantos homens conseguiu reunir, Santillo? — quis saber Juan.

— Uns quarenta, Juan.

— Arme-os. Dê-lhes tochas e fósforos também. Leve ajudantes para isso.

Santillo se apressou em cumprir a ordem. Bustamante e León chegaram ao mesmo tempo.

— O caminho está livre, Juan — informou León.

— Ótimo, meu amigo! O que foi na cabeça?

— Uma batidinha — riu o mexicano. — Minha cabeça é dura, não se preocupe — disse e todos riram.

— Vá se cuidar. Vou precisar de você ainda.

Bustamante se apresentou.

— A balsa está pronta. Quando chegarmos lá, a travessia já poderá ser feita.

— Bom trabalho, meu amigo. Reúna todos os homens agora. Vou dizer-lhes o que vamos fazer — informou Juan.

Bustamante se apressou em atendê-lo. Em expectativa, os homens fecharam o círculo ao redor do chefe.

CAPÍTULO 9

Ali estávamos nós, em silêncio, ocultos na vegetação com uma lua enorme acima de nós e o Rio Grande a nossa frente. Observávamos o trabalho dos homens de Juan Delfuego. Eles haviam atravessado com a canoa, trazendo um cabo que vinham desenrolando de um grosso carretel num suporte armado no barco. Não víamos o outro lado nem onde estava a balsa. Apenas a canoa que traçou uma perpendicular para vencer a correnteza, depois começou a subir o rio pela margem, até o ponto onde nos ocultávamos.

Ali os homens desceram e foram engatar o cabo num poste profundamente encravado na margem. O velho que parecia ser o balseiro retornou com a canoa, após subir rio acima, até achar o ponto exato de traçar de novo uma perpendicular e chegar ao outro lado. Dois mexicanos ficaram vigiando o local. Andaram um pouco ao redor, sondando, mas não esperavam surpresas, por isso estavam tranquilos e descuidados.

Sam Denver, empunhando sua Calibre 50, observava. Eu estava bem próximo dele

e a expressão do rosto dele não era de tranquilidade. Alguma coisa o incomodava. Percebi, então, que a todo momento ele olhava rio abaixo, preocupado com alguma coisa.

— O que foi, Sam? — indaguei-lhe, num sussurro.

— Há algo errado, Léger — afirmou ele.

— O quê?

— A fogueira, lá embaixo. Os homens ficaram vigiando a passagem. Acenderam uma fogueira. Desde que chegamos aqui, eu só a vi diminuir e, agora, deve estar se apagando.

— E daí? Na certa eles dormiram. Acha que os mexicanos se dariam ao trabalho de montar a balsa se pudesse passar por lá?

— Juan é uma raposa, Léger. Pode estar fazendo as duas coisas agora. Pegue um daqueles rifles e venha comigo. Não esqueça a munição.

Ele cochichou alguma coisa no ouvido de um dos atiradores, depois nos afastamos silenciosamente. Quando estávamos longe do ponto onde haviam ficado os dois mexicanos, começamos a correr, sempre

protegidos pela vegetação que margeava o rio, até apanharmos os cavalos.

— Se ele passar por ali, pode nos pegar por trás e permitir a passagem da balsa, que estaria servindo de chamariz apenas. Se aquele xerife burro tivesse entendido e mandado toda a patrulha para cá, nós pegaríamos Juan Delfuego de uma vez por todas.

Quando chegamos ao local, vimos, no outro lado, um grupo de cavaleiros começando a atravessar o rio.

— Eu não disse? — falou Sam, olhando os corpos caídos no chão, banhados de sangue. — Temos que espantá-los daqui ou eles atravessarão! — afirmou o delegado, engatilhando sua pesada arma.

Parou, no entanto, pensando melhor. Os cavaleiros avançavam pelo rio.

— Mas pensando melhor... — murmurou ele, abaixando a arma e deixando-a escorada num tronco.

Apanhou capim seco e gravetos, jogando-os sobre as brasas. Abanou-as com o chapéu e, em pouco tempo, as labaredas crepitavam altas. Amontoou mais lenha, proporcionando alimento para o fogo. Apanhou o rifle e ficou olhando o outro

lado do rio. O grupo de cavaleiros havia interrompido o avanço.

— Veja, Léger — apontou ele. — Está vendo aquele cavalo branco, na frente?

— Sim...

— É Juan Delfuego, o maldito! Quase nos surpreende, mas esta fogueira vai lhe dar o que pensar. Vamos voltar à balsa.

— Acha que vão tentar atravessar assim mesmo?

— Esperam que o grupo que ia atravessar o rio lhes desse cobertura, mas isso não vai acontecer. Vamos, quero estar lá na hora da festa.

Juan recuou com seus homens para a proteção da margem mexicana. León não sabia explicar o que acontecera.

— Talvez tenham vindo rendê-lo e os encontraram mortos, Juan. Juro como os matei.

— Não duvido disso, León. Temos um problema. Nossa gente vai atravessar com a balsa, confiando que os protegemos na retaguarda. Se os americanos estiverem lá esperando, será uma tragédia. A galope, vamos tentar detê-los.

Os mexicanos galoparam pela estrada, na direção da balsa, esporeando impiedosamente seus cavalos. Juan havia ficado com apenas cinco de seus homens e mandado o restante juntamente com os homens do vilarejo para a balsa. Tinha de tentar salvá-los agora ou seu bando seria quase que inteiramente destruído. Enquanto corriam desesperadamente para isso, Palácios, em seu cavalo branco, vestindo como Juan Delfuego, comandava o grupo que ia se acomodando sobre a balsa, prendendo os cavalos nos cercados apropriados.

— Iremos à frente, depois mandaremos a balsa para vocês nos seguirem — disse ele ao povo do vilarejo.

As amarra da balsa foram soltas. O cabo passava por roldanas, ao lado da embarcação. Os homens puxavam o cabo e isso impulsionava a balsa. Começaram a travessia. Até o meio do rio seria fácil, pois o cabo acompanhava a correnteza. Após isso, a balsa atingiria o ponto central do cabo e teria que começar a subir para chegar à outra margem. Ali teriam mesmo que fazer força. Palácio foi para frente da embarcação, olhando do outro lado. Quando

a balsa chegou ao meio do rio, pôde ver os dois amigos do outro lado.

Acenou-lhes com seu sombrero. Os dois responderam.

— Força, muchachos! Falta pouco agora! — disse ele.

— Ao invés de dizer isso, por que não vem para cá? — reclamou um dos homens.

— Não me aborreça, homem. Continue fazendo força. Lá estão Pablo e Escobar — disse, voltando a acenar o sombrero.

Viu, então, algo curioso. Um clarão, uma língua de fogo e mais nada. No momento seguinte, algo bateu em seu peito violentamente, jogando-o para trás. Só quando seu corpo estatelou-se na madeira da balsa é que o estampido do rifle ecoou pelo rio.

— Emboscada! — gritou alguém e eles soltaram o cabo e se abaixaram.

Os clarões se repetiram com rapidez do outro lado do rio, seguidos dos sons dos disparos. Os dois homens à beira do rio foram derrubados na água, fuzilados. A balsa começou a recuar o espaço ganho, até imobilizar-se no meio do rio, oscilando na correnteza. Os rifles de longo alcance de Sam e de seus amigos atingiam a balsa com

funestas consequências para seus ocupantes. Os cavalos foram atingidos. Em pânico, quebravam o cercado, atropelavam homens e se lançavam na água.

Alguns mexicanos, em desespero, fizeram o mesmo. Os outros, imóveis ali, viam as balas batendo na madeira e arrancando lascas. Não tinham alternativa. Ficariam ali a noite toda, até que a manhã chegasse. Do outro lado do rio, os homens só precisariam praticar tiro ao alvo.

— O plano de Juan não deu certo — gritou alguém.

— Sim, ele nos trouxe para morrer.

— Palácio está morto.

— O que vamos fazer?

— Pular no rio...

— A correnteza aqui é muito forte...

— Maldito Juan Delfuego! — gritou alguém, em desespero, antes de se levantar e atirar-se na correnteza.

As águas do rio o tragaram imediatamente. Apenas seu sombrero ficou boiando, enquanto era carregado rapidamente pela correnteza. Na margem, Sam parara de atirar.

— Maldito! Ia nos pregar uma peça — riu ele. — Ou pregou!

— Do que está falando? — indaguei.

— Vimos um homem num cavalo branco lá embaixo. Na balsa havia um, o que acenou com o sombrero. Qual deles era Juan Delfuego?

Como eu poderia saber? Segundo Sam, naquele momento Juan poderia estar morto. Ou talvez não.

— Como vai ser agora, Sam? Aqueles homens estão numa armadilha. Não podem se levantar senão morrem. Não conseguirão recuar também. Vamos ficar aqui o resto da noite, esperando amanhecer?

— Se for preciso, sim.

— Não se cansa nunca?

— Sim, eu me canso.

— Então por que não descansa?

— Quando terminar — disse ele, com rifle engatilhado, esperando algum movimento na balsa.

Não víamos a outra margem com clareza, mas, naquele momento, Juan chegava com seus homens.

— Estão presos lá, Juan! — disse alguém, apontando a balsa no meio do rio.

— Maldição! Eles nos pegaram, afinal — falou ele, num tom cansado.

Percebia, afinal, que seus dias de bandoleiro estavam chegando ao fim. Seus homens estavam encurralados como moscas presas no mel. Seriam mortos. Do bando só restariam meia dúzia de homens. Quem mais iria cavalgar ao lado de Juan Delfuego depois daquela vergonhosa derrota?

Amaldiçoou Sam Denver por isso.

— Juan, eles vão morrer! — disse um dos bandoleiros.

Ele desceu do cavalo e foi até a margem. Olhou o cabo que prendia a balsa e a maninha no centro do rio.

— Traga-me um machado — ordenou.

— Juan, o que vai fazer? — indagou o balseiro. — É meu ganha-pão.

— É uma armadilha para meus homens. Vou livrá-los dela.

— Conheço esse rio, Juan. Se cortar a ponta do cabo, a balsa será carregada tão rápido pela correnteza que varrerá os homens que estão em cima dela.

— É a única chance deles.

— Não nessa correnteza — insistiu o velho.

Alguém pusera um machado nas mãos de Juan. Ele golpeou seguidamente o cabo até que ele se partisse. A força da água era

maior que a velocidade de passagem do cabo nas roldanas, fazendo a balsa inclinar-se. A correnteza subiu pela inclinação, formando uma cascata, carregando corpos vivos e mortos para as águas rápidas e mortais. Um silêncio constrangedor pairou sobre os homens parados à margem do rio.

— Eu avisei! — murmurou o velho, caminhando para seu casebre como se levasse o peso do mundo nas costas.

Os habitantes de Zaragoza, em silêncio, começaram a retornar para seu vilarejo. Os bandoleiros restantes montaram seus cavalos e, passo a passo, dispersaram-se. Juan ficou sozinho, olhando a outra margem do rio.

— Maldito gringo! — gritou e sua voz ecoou pelo rio, encoberta pelo marulhar da correnteza.

Ele se viu sozinho. Seu bando estava acabado. Juan Delfuego não mais seria uma lenda de glória para seu povo, mas mais uma história de vergonha e fracasso. Não podia deixar isso acontecer. Aquele orgulho era o que sustentava aquele povo e que o havia mantido vivo durante o jugo austríaco. Muita coisa precisaria ser feita até que resgatassem toda a sua dignidade. Juan

queria, a todo custo, proporcionar isso a eles. Mas não naquela noite que para sempre seria maldita. Tinha de voltar para sua cidade. Tinha de pensar muito, traçar novos planos e começar tudo outra vez.

Sam Denver acendera um cigarro. Os homens fizeram fogo e prepararam café. O delegado ficou fumando e olhando o rio. Sua expressão revelava frustração.

— Tenho certeza que foi ele quem cortou o cabo — disse finalmente, quando eu fui levar-lhe uma caneca de café.

— Quem?

— Juan.

— Você não o matou? Não foi o que levou o primeiro tiro?

— Penso que não. O maldito está vivo.

— Mas está acabado.

— Essa linhagem de víbora só morre depois que você lhe corta a cabeça. Pise-lhe a coluna e não se iluda imaginando que ela morreu. Quando você se descuidar, ela voltará a atacar.

— Juan deve ter perdido o bando todo — observei.

— Sempre haverá gente querendo cavalgar com ele. Só que agora ele está

onde eu queria pô-lo — disse-me o delegado num tom misterioso.

Sondei o rosto dele, tentando entender aquele enigma.

— Como assim?

— Antes Juan era adorado e protegido pelo povo. Por algum tempo agora ele estará vulnerável. O povo terá perdido a confiança nele. Terá que refazer todo o trabalho que perdeu.

— Está bem, posso até concordar com isso. Juan ficará vulnerável, não terá o povo para apoiá-lo e estará no lugar que você queria pô-lo. Tudo bem. Perfeito. Mas onde está esse bastardo, afinal?

Sam Denver riu, olhando-me como se eu fosse o mais tolo dos homens.

— Não sabe onde encontrar Juan ainda?

— Não tenho a menor ideia e duvido que você saiba onde!

— Pensei que fosse um homem esperto, jornalista. Você me decepciona — continuou ele, divertindo-se comigo.

Fiquei olhando para o rosto zombeteiro dele, tentando decifrar a charada. Onde estaria Juan Delfuego? Onde encontrá-lo? Pelo que eu sabia, ele estava em Guzmán.

Fomos até lá, mas nenhum sinal dele foi encontrado. Eu duvidava que alguém no mundo pudesse afirmar que encontraria Juan Delfuego em algum lugar e pudesse provar isso. Um bandoleiro como aquele na certa fugiria para o interior do país e, por um bom tempo, ninguém ouviria falar nele. Sam, no entanto, parecia ter outra teoria, muito além do meu alcance.

— Não matou a charada ainda? — indagou-me ele.

— Não, confesso que não.

Ele se levantou e foi guardar o rifle na sela. Um dos homens havia ido buscar os cavalos. Preparávamo-nos para partir. Nada mais havia ali para ser feito. Eu já tinha reunido um bom material para relatar aos leitores dos leste. Não podia partir, no entanto, sem o arremate de tudo aquilo.

— Se Juan está onde você o queria, quando vai pegá-lo? — indaguei, enquanto ele apertava os arreios do cavalo.

— Vou lhe dizer o que faremos. Vamos para El Paso dormir até o sono acabar. Depois eu vou levá-lo a um espetáculo incomum — prometeu ele.

— Espetáculo? Que tipo de espetáculo.

— Um enforcamento.

— De quem?

— De Pedro Delfuego.

— Vai enforcá-lo? — indaguei, surpreso.

— Sim, depois vou levar o corpo dele para o irmão.

Olhei-o espantado. Ele apenas sorriu levemente, divertido com o meu espanto.

CAPÍTULO 10

El Paso amanheceu em festa no dia seguinte. Faixas foram atravessadas nas ruas. Uma banda desfilava de um lado para outro da rua principal. A população saía às ruas para festejar. Dos ranchos vizinhos, carroças despejavam pessoas que manifestavam sua alegria pelo fim do pesadelo. Os homens que haviam participado da emboscada à balsa na noite anterior eram tratados como heróis. Enquanto isso, em seu quarto, alheio a tudo aquilo, Sam Denver dormia. O barulho despertou-me logo cedo. Fiquei à porta do hotel tomando notas para retratar toda aquela alegria demonstrada pela população. Era como se uma tensão forte fosse finalmente aliviada sobre eles. O bando de Juan Delfuego havia barbarizado a região e deixado marcas profundas.

Uma multidão se concentrava diante do hotel, esperando para ver quem os salvara do pesadelo! Mas Sam Denver não aparecia. O garoto que carregava as malas no hotel veio me avisar.

— Sr. Léger, o delegado quer falar com o senhor lá no refeitório.

Dei-lhe uma moeda e fui ao encontro do delegado que devorava, com uma fome inesperada para mim, um prato enorme de comida como se aquela fosse sua última refeição. Estava barbeado e vestia roupas limpas.

— Vai participar da festa? — indaguei-lhe, sentando-me à mesa.

Ele empurrou um prato na minha direção, mandando-me servir. Agradei e fiquei esperando a resposta. Ele retirou o guardanapo que enroscara no colarinho, limpou a boca e terminou de mastigar e engolir o que tinha ali.

— Já se esqueceu do meu convite? — retrucou ele.

— Que convite?

— Para o enforcamento.

— Lá fora ninguém espera um enforcamento...

— Não será lá fora. É um enforcamento particular, lembra-se. Depois vamos fazer uma pequena viagem pelo território mexicano.

— Até Guzmán?

— Sim, até lá.

— Certo! Eu vou com você, delegado, mas terá que ir me explicando algumas coisas — pedi-lhe.

— Como o quê, por exemplo?

— Como sabe onde encontrar Juan Delfuego?

— Você não?

— Não!

— Foram coisas que você ouviu e que eu ouvi também, Léger. Coisas sobre as quais eu não tinha prestado atenção. Elas foram me surgindo assim aos poucos, compreende? Juntando uma coisa aqui, outra ali e pronto: estava decifrada a charada.

— Não vai me contar?

— Ainda não. Quero ver quanto tempo você demora para matar a charada — disse ele, enigmático.

Assim que ele terminou de comer, fomos pegar os cavalos, evitando a multidão. Deixamos a cidade no começo da tarde, tomando rumo sul. Atravessamos a fronteira mexicana e seguimos em frente. Eu estava surpreso. Se íamos a um enforcamento, por que ele aconteceria em território mexicano? Antes de tomarmos a trilha para Guzmán, nós nos desviamos e

rumamos na direção de uma colina. Atrás dela havia um pequeno vale, com um riacho que escorria na direção do Rio Grande. Havia um acampamento mineiro abandonado. Noutros tempos, haviam extraído prata daquele lugar, que agora estava abandonado. Pelo menos aparentemente.

Desmontamos, deixando os cavalos amarrados à sombra. Entramos num dos túneis, escorados por traves de madeira já podre. Não me parecia um lugar seguro. Andamos pouco, até chegarmos a um trecho onde o túnel se abria num salão escavado na terra, de onde partiam outros túneis. A um canto, deitado num catre sob a luz de um lampião estava Pedro Delfuego, ardendo em febre. Um cheiro de coisa podre impregnava o ar. Fomos até onde o rapaz estava.

— Vejo que cuidaram bem de você — observou Sam, descobrindo-o.

A perna da calça estava cortada e via-se o local onde o osso estava quebrado. A pele estava roxa, quase negra. Possivelmente gangrenada. O rapaz não teria muito tempo de vida.

— Que diabos fez com ele, Sam. Deixou-o aqui para morrer?

— Aqui ninguém o descobriria e ele estava seguro. Não podia ir a parte alguma mesmo — disse, apontando a corrente que o prendia ao catre. — Deixei água, comida e combustível para o fogo.

— Esse pobre diabo já está quase morto.

— Então vamos nos apressar — disse Sam, erguendo o rapaz que gemeu debilmente. — Ajude-me a levá-lo para fora.

Nós o levamos para a luz do dia. Ele estava péssimo. Sem demora, Sam amarrou-lhe uma corda no pescoço, passou-a por cima de uma trave de um velho reservatório de água, depois amarrou a ponta no arção da sela. Montou o cavalo e o fez andar. O corpo de Pedro nem esperneou. A morte lhe foi um alívio para o sofrimento atroz. Fiquei indignado.

— Você é um homem louco, Sam Denver! Por que não o matou com um simples tiro? Por que toda essa encenação?

— Eu não podia deixá-lo morrer como herói, entende? Ele tinha de levar a marca da corda no pescoço para provar que morreu como um bandido e não num tiroteio, durante uma bravata. Não quero que o

admirem. Não quero que se orgulhem dele, percebeu? Nem dele nem de Juan Delfuego. Caso contrário, estaria criando exemplos a serem seguidos. Mártires. Após eles, outros viriam. O temor de nomes como Sam Denver, Frank Lord, Dan Simmons e de outros delegados tem que prevalecer para que o banditismo jamais retorne a nossas fronteiras.

Ele soltou a corda e o corpo do rapaz caiu pesadamente na poeira. Sam o levantou e o jogou atravessado na sela de um cavalo extra que havia trazido.

— Vamos, vou lhe apresentar Juan Delfuego — disse ele, esporeando seu cavalo.

Corri montar o meu e segui-lo. Sam não parecia com vontade de falar. Estava com pressa, forçando os cavalos. Quase no meio da tarde, avistamos Guzmán. Ele não se deteve. Continuou na mesma tocada, entrando na cidade e indo direto até a praça. Parou ali por instantes, circulando e exibindo o corpo de Pedro Delfuego à população que olhava pelas frestas das portas e janelas. A porta da igreja se abriu. O padre avançou para a luz do dia e parou, olhando na direção de Sam.

— Já ouviu dizer que Juan Delfuego tenha violentado alguma mulher? — indagou-me Sam, manobrando o cavalo na direção da igreja.

Não entendi a pergunta, mas o segui. Ele desmontou e se aproximou do padre, puxando pela rédea o cavalo onde estava o corpo de Pedro. Encarou o padre por algum tempo. Depois empurrou o corpo de Pedro, derrubando-o na poeira. O padre estremeceu com o baque, mas não tirou os olhos de Sam. Havia um brilho quase insano em seus olhos. Uma expressão de desprezo e ódio estampou-se em seu rosto. Sam Denver, no entanto, sorria e parecia aliviado. O padre, então, começou a desabotoar sua batina, soltando-a até a cintura. Desfez o nó do cordão e o deixou cair a seus pés. Empurrou a batina pelos ombros, fazendo-a se amontoar junto com o cordão. Usava um cinturão com um Colt por baixo dela.

— Gringo maldito! — disse ele e sua expressão se modificou.

Já não era mais o padre ali, mas Juan Delfuego, o terrível bandido que assolara o sul do Arizona, no Novo México e parte do Texas.

— Não vou matá-lo imediatamente, Juan — avisou Sam. — Primeiro terei de humilhá-lo para que exemplos como o seu jamais sejam seguidos, compreendeu?

— Fará o que tem fazer, maldito! — rosnou o mexicano, levando a mão à cintura.

Sam parecia ter-se preparado muito bem para aquele encontro, pois se antecipou ao movimento do bandoleiro, sacando antes e disparando. A fumaça cobriu minha visão. Quando ela se dissipou, Juan estava imóvel, pálido, segurando o braço direito. O disparo de Sam o atingira no cotovelo, quebrando-o, pondo lascas de ossos para fora. Juan sacou uma faca de sua bota. Pôs-se em guarda. Sam o desarmou com um chute, deixando-o de joelhos. Tinha-o agora a sua mercê.

— Eles precisam compreender que você não é um homem santo — falou Sam, chutando a cabeça do bandoleiro, que gemeu e rolou na poeira.

Sam o seguiu, chutando-lhe as costelas e os rins, fazendo-o engolir poeira e engasgar-se. Ele rastejou, tentando fugir, mas Sam sabia exatamente o que tinha de fazer. Segurou-o pelo colarinho e o levantou. Socou-lhe a nuca repetidas vezes,

depois o soltou na poeira. Juan rastejou de novo, puxando o corpo com um braço apenas. Sam foi até seu cavalo. Apanhou uma corda. Fez um nó de força e foi pô-lo no pescoço do mexicano. Correu o nó. Levou a ponta até a cruz, no centro da praça, e jogou-a por cima de um dos braços, onde tinha posto o cinto e as botas de Pedro anteriormente.

Subiu no seu cavalo. Amarrou a ponta no arção da sela e começou a andar, arrastando o corpo de Juan pela poeira, até a base da cruz. O corpo foi subindo, então, numa posição grotesca, até se aprumar, enquanto era dependurado, Juan esperneou e espumou, tentando livrar-se do laço, mas inutilmente. Sam ficou olhando até que ele se imobilizasse. Só então soltou a corda e o corpo de Juan Delfuego foi se amontoar ao pé da cruz. O delegado sacou um de seus Colts e disparou-o para o alto, esporeando o cavalo e fazendo-o andar em círculos na praça.

— Meu nome é Sam Denver e eu matei o filho da mãe chamado Juan Delfuego. Matarei todo e qualquer bandoleiro que se atreva a atravessar a fronteira e invadir meu país. Quem o fizer

vai enfrentar o inferno em minhas mãos! — finalizou ele, esporeando o cavalo na direção da saída da cidade.

Fiz o mesmo. Ele parecia fora de si, totalmente louco, sumindo envolto numa nuvem de poeira. A população de Guzmán não saiu de suas casas. Só fui encontrar-me com Sam algumas milhas depois, quando o vi sob uma árvore remexendo seu alforje. Fui até lá e desmontei.

— O que foi aquilo? — perguntei.

— Sam Denver é um demônio vingador que viverá em suas lembranças para sempre — disse ele. — Tudo aquilo foi necessário e você já sabe o porquê. Todo aquele que quiser ser um Juan Delfuego tem de saber que um dia enfrentará Sam Denver e será morto como um cão — esclareceu ele, encontrando o que procurava.

Era uma garrafa de uísque. Abriu-a e bebeu um longo gole. Deu-a para mim depois. Bebi um gole. Sam se sentou na sombra, apoiando as costas no tronco da árvore. Dei-lhe a garrafa e sentei-me ao seu lado.

— Matou a charada, Léger? — perguntou ele.

— Não, confesso que não.

Ele bebeu mais alguns goles. Parecia à vontade agora, relaxado e em paz com a vida.

— Lembra-se de Molina, aquele mexicano que interroguei?

— Sim, claro, eu falei com ele até.

— E o que ele repetia a todo momento?

Puxei na memória.

— Que Juan era um santo... Um homem que veio do céu... Um homem de Deus...

Entendi o que ele queria dizer, então.

— E tem mais. Por que Juan não reagiu e Pedro teve de intervir, defendendo-o? Por que Juan suportou calado as ofensas na história da cicatriz?

— Sim, fiquei mesmo intrigado com isso.

— Ele tinha um motivo muito forte para não reagir. Usava uma batina naquele momento. Caso contrário, teria matado o insolente.

Tive de concordar com ele.

— E finalmente, nunca uma mulher foi violentada por Juan Delfuego. Ele quebrou os mandamentos roubando e matando, mas não quebrou nunca seu voto de castidade.

Estendi a mão e apanhei a garrafa de uísque. Bebi um gole. Comecei a pensar na longa história que teria pela frente. Tinha certeza de que meu editor iria adorar.

FIM

L P Baçan

O Mago das Letras

- 1975: escreveu e publicou seu primeiro livro de bolso, a novela Uma Tese para o Amor, pela Editora Cedibra, Rio de Janeiro, passando, daí, a escrever mensalmente novelas por encomenda para essa e outras editoras.
- 1985: teve 11 letras incluídas no LP Saudação ao Mato Grosso, da dupla Estudante & Caminhoneiro.
- 1986: teve 6 letras incluídas no LP Oração de Um Caminhoneiro, da mesma dupla.
- 1991: participou da Coletânea do I Concurso Nacional de Literatura da FENAE, com um conto premiado em 1º. lugar.
- 1994: participou da Antologia Os Poetas, do V Concurso Helena Kolody de Poesia, Governo do Paraná, Curitiba – PR.
- 1995: traduziu a obra El Contuberneo

Judeo-Maçónico-Comunista, de José Antonio Ferrer Benimelli, em 2 volumes intitulados Maçonaria & Satanismo, para a Editora "A Trolha".

- 1996: publicou a novela rural Sassarico, sobre o fim do ciclo do café, início da rotação de culturas (soja e trigo) e surgimento dos bóias-frias e editou os livros Vida Minha, de Emília Ramos de Oliveira (biografia) e Círculo Vicioso, de Arlene Cirino de Oliveira.
- 1997: participou da coletânea Poema, Poesia... Maçom, Maçonaria, organizada por Mário Cardoso para a Editora Arte Real.
- 1998: publicou o livro de poemas Alchimia.
- 1999: publicou o livro Redação Passo a Passo e editou o livro URAÍ - Nossa Terra, Nossa Gente, 2 volumes, de Emília Ramos de Oliveira.
- 2000: teve 2 letras incluídas no CD Nosso Negócio É Cantar, da dupla Márcio Rogério & Luciano e 3 letras no CD Mais, do cantor Cícero de Souza. Publicou, neste ano de 2000,

Brincando nos Caminhos do Senhor, revista infantil cristã, Editora e Gráfica Cotação da Construção, Londrina – PR.

- 2001: editou e prefaciou o livro Templários, de Lori Andrei Perez Baçan.
- 2002: foi o autor da letra do hino da Loja Maçônica Londrina, em parceria com o músico Wilmar Cirino.
- 2004: organizou, editou e participou do livro I Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2006: organizou, editou e participou do livro II Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2007: publicou os livros A Sabedoria dos Salmos, A Sociedade Secreta dos Templários e O Livro Secreto da Maçonaria, pela Universo dos Livros Editora Ltda.
- 2010: publicou os livros Manual da Futura Mamãe, Quem Disse Que Cozinha Não è Lugar de Homem e Receitas Naturais pela editora Universo dos Livros. Editou o livro de contos Solidariedade, do autor baiano João Justiniano da Fonseca.

Produziu, dirigiu e apresentou uma série de 7 (sete) programas radiofônicos Vila das Artes, na Rádio Boa Nova FM, de Pérola, PR, sobre literatura atual.

2012: traduziu, editou e publicou o livro A Origem do Satanismo na Maçonaria, de Arthur Edward Waite.

2013: traduziu, editou e publicou em formato eletrônico os livros Carmila, de J Sheridan LeFanu, e Teoria da Esgrima a Cavalo, de Alex Muller, Anjos, o Caminho de Volta, Os Olhos do Carrasco, Novelas de Terror (Volumes I e II) Novelas Policiais (Volumes I a 7) e Novelas de Faroeste (Volumes I a IX) pela Lulu Press, Inc. e Editora Saraiva.

1975 até 2015: hoje escreveu mais de 700 livros, publicados em sua maioria em formato de bolso, sobre os mais diferentes assuntos, como: romances, erotismo, palavras cruzadas, charadas, passatempos, literatura infantil, passatempos infantis, horóscopos, esoterismo, simpatias populares, rezas, orações,

intenções, anjos, fadas, gnomos, elementais, amuletos, talismãs, estresse, manuais práticos, religião e outros livros de bolso com os mais diversos temas e letras para músicas. Já editou em formato eletrônico mais de 1000 títulos, entre publicações individuais e antologias, de autores de Língua Portuguesa e Espanhola.

Publicou ao longo dos últimos 40 anos poemas e contos em jornais de circulação regional. Ultimamente, Tem traduzido e editado livros eletrônicos e empenhado em editar todos seus títulos em formato eletrônico para serem disponibilizados a seus leitores.

www.acasomagodasletras.net